O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 15 DE ABRIL DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:254

E' um dos nossos correspondente, em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — A autonomia açoriana. — Novo fr. Thomaz.—O pharol.—Cereaes. — Carta de Lisboa. —Noticiario. — Imposto municipal sobre a sardinha.—O trabalho dos menores.—Instrucção sobre a cultura das amoreiras e creação dos bichos da seda.—Secção scientifica: A virtude anti-rabica do alho reconhecida em 1689.—Folhetim: Os Crentes. — Communicados. — Secção agricola.—Secção litteraria. — Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

A autonomia açoriana

Tem o illustre chefe do governo empregado todos os esforços da sua influencia pessoal e politica no sentido ds conseguir dos habitantes dos Açores modifiquem a sua attitude com relação á propaganda da sua autonomia, mas infelizmente sem resultado, porque elles reagem contra tudo, continuando cada vez com mais entranhado ardor na tarefa que se impozeram de desligar-se de nós. Diz-se mesmo que as cartas por s. ex.ª recebidas pela ultima mala, em resposta ás suas insistencias louvaveis, não só confirmam a resolução inabalavel em que os açorianos estão de proseguirem na cruzada, mas até justificam a campanha com razões indestructiveis, uma das quaes é ser a ideia deveras sympathica ás grandes aspirações dos povos.

O certo é que o movimento vae effectivamente n'um crescendo pasmoso, tornando quanto é possivel grave o estado da questão, a constituição dos centros autonomos em todas aquellas ilhas, apoiado, auxiliado e até iniciado pelas pessoas mais graduadas, secundadas e fortalecidas pelas classes populares.

Eis a que tristissimas consequencias nos levaram os maus governos de ha muito, e nomeadamente o do sr. Dias Ferreira, que levou com a perseguição e o odio a todas as franquias publicas, a desesperação a todos os espiritos.

O que, durante esse reinado de luto, que teve como começo a destruição de todo o existente util e que terminou pelo decreto da fome depois de enodoada a existencia ministerial do chefe com as manchas do sangue que espadanou nas praças publicas e até dentro dos edificios em que se haviam constituido as assembleias eleitoraes; o que, durante esse execrando predominio de guerra, em que o sr. José Dias se assignalou na vanguarda de todos os exercitos destruidores, ahi se fez e praticou á frente dos destinos do paiz, só podia produzir estes resultados esmagadores e terriveis, depois de nos ter arrastado o credito pelas ruas da amargura e pela lama da deshonra, depois de nos ter vergado ao peso de todas as humilhações, depois mesmo de ter abalado pelos alicerces a constituição e enfraquecido o respeito e o amor pelas instituições.

E' esta, sim, a grande causa e a grande verdade, que é mister dizer bem alto para que todos a saibam.

Que podem, pois, os meios ou os esforços do nobre chefe da situação, por mais heroicos, por mais energicos, por mais decisivos que elles sejam?

Continue s. ex.ª a empregal-os. Será louvavel o seu procedimento. Mas a verdade é que talvez já nada conseguirá, infelizmente para todos nós.

NOVO FR. THOMAZ

O *Tempo*, orgam do sr. Dias Ferreira, de ominosa memoria, diz no seu n.º de hontem:

> O que vemos desde já é a contradição entre as promessas governamentaes e os factos observados. Ao passo que no orçamento se fazem ou se apontam economias, nas secretarias do estado fazem-se esbanjamentos. Na guerra accelera-se a promoção, e na fazenda criam-se logares contra lei para anichar amigos, como demonstrámos hontem. Estes são os factos e basta apontal-os para se vêr a sinceridade dos propositos do governo e a casta de que serão as economias a fazer.

Ora que o dissémos nós, que o dissessem todos os outros jornaes da opposição, vá. Agora o *Tempo*, que sabe perfeitamente que por muito mal que a situação governe, nunca chegará a governar tão desastradamente como governou o desgoverno do sr. José Dias, é que é para pasmar. Bem diz o velho ditado que: «Para sermões só frei Thomaz havia, mas Deus nos livre do que elle fazia». Ora o *Tempo*, que não deve vêr só o argueiro nos olhos dos outros, meta a mão na consciencia, e censure-se primeiro a si e aos seus, para se habilitar depois a censurar os outros.

O PHAROL

Com grave prejuizo dos interesses publicos, proseguem morosamente os trabalhos do pharol da nossa barra. Os transtornos que já tem causado á navegação e ao commercio o largo espaço de tempo que tem estado por funccionar desde que ficou prompto a receber a lanterna, não foram sequer incentivo para os governos transactos recommendarem toda a brevidade possivel nos trabalhos. Pois cuide agora melhor do assumpto o sr. ministro das obras publicas, e n'isso cumprirá um dever, prestando ao mesmo tempo um serviço aos interesses geraes do commercio, da navegação e da humanidade.

Cereaes

O *Diario do Governo* publicou o decreto organisando os serviços da commissão permanente dos cereaes, e que é o seguinte:

Artigo 1.º A commissão dos cereaes, a que se refere o artigo 24.º do decreto n.º 3, de 1 de dezembro de 1892, denominar-se-ha «commissão permanente dos cereaes», e consultará sobre os assumptos determinados no artigo 46.º do regulamento approvado por decreto de 29 de agosto de 1889.

Art. 2.º A commissão permanente dos cereaes será composta:

1.º Do director do mercado central, de productos agricolas, presidente;

2.º Do director de estatistica agricola, secretario;

3.º Do presidente da camara municipal de Lisboa;

4.º De um funccionario dos serviços aduaneiros, nomeado livremente pelo ministro de estado dos negocios da fazenda;

5.º Dos lentes das cadeiras de technologia e de culturas arvenses e horticolas, do instituto de agronomia e veterinaria;

6.º De cinco lavradores de cereaes, que não sejam fabricantes de farinha nem fabricantes de pão, sendo tres propostos pela real associação central da agricultura portugueza;

7.º De dois negociantes de trigo nacional, que não sejam agentes ou correctores de fabricas do moagem;

8.º De tres grandes industrias de moagem representando as principaes fabricas de moagem do paiz e de dois industriaes da pequena moagem, que não sejam, uns e outros, fabricantes de pão;

9.º De dois fabricantes de pão, que não sejam fabricantes de farinha.

Art. 3.º Além dos assumptos, a que se refere o artigo 1.º, poderá a commissão ser ouvida ácerca da fixação dos direitos sobre cereaes, sua prohibição ou livre importação e ainda sobre a distribuição pela industria da moagem e industrias correlativas, das quantidades de cereaes, cuja importação seja auctorisada.

Art. 4.º A commissão terá as suas sessões na sede do mercado central de productos agricolas, e reunirá todas as vezes que fôr convocada por ordem do ministro das obras publicas, commercio e industria.

Art. 5.º A commissão funccionará achando-se reunida a maioria dos vogaes.

§ unico. Quando a sessão não possa ter logar por falta de vogaes, a seguinte terá logar os que se acharem presentes.

Art 7.º A commissão elaborará no praso de tres mezes, contados da data da sua installação, um regulamento para o seu funccionamento interno, que será posto em execução depois de approvado pelo ministro.

Art. 7.º Os actuaes vogaes, que não possam ser reconduzidos nos termos do presente decreto, serão, para todos os effeitos, considerados vogaes aggregados á commissão, com todas as regalias inherentes aos vogaes effectivos.

CARTA DE LISBOA

14 DE ABRIL DE 1893.

A politica permanece no mesmo pé. Nada de notavel se dá por emquanto n'este meio tão impertinente como sáfaro.

— Verificou-se a partida de Sua Magestade a Rainha, viuva, para Italia. Acompanha-a o sr. infante D. Affonso, e da sua casa particular o sr. duque de Loulé, e algumas damas. Sua Magestade fez caminho por Pariz onde quer demorar-se alguns dias.

— O governo, apesar das suas intensões pacificas, vae collocando em toda a parte administradores seus. Aqui, no districto de Lisboa, acaba de operar-se um movimento que dá o seguinte resultado:—o administrador de Grandola, sr. José Francisco Pinheiro, exonerado, e nomeado para o referido logar o sr. José Maria dos Reis Gancho; o administrador de Setubal, sr. José Maria d'Abranches, transferido para Almada; o d'Almada, sr. Duarte Holbeche, transferido para a Lourinhã; o d'este concelho, sr. Francisco Simões da Cunha, transferido para Setubal. Tudo isto quer dizer que o governo se prepara *para mais alguma cousa* que para *concertar* as finanças portuguezas.

— Vão-se todos convencendo de que as taes commissões districtaes de inspecção de propriedade, não darão senão despeza ao governo, não resolvendo nada favoravel á ideia da sua criação. E' preciso não conhecer o paiz e desconhecer por completo o que é administração para chegar a crer que taes commissões podiam fazer trabalhos uteis, principalmente na maior parte dos districtos. O desengano completo está por pouco. O peior do caso é a despeza que se está fazendo com tão disparatadas commissões.

— O sr. governador civil d'esse districto, que está aqui ha dias, entregou hontem ao sr. ministro das obras publicas as representações que d'ahi trouxe, pedindo a desobstrucção da Ria por meio da dragagem. O sr. Bernardino Machado acolheu o pedido com a benegnidade que o caracterisa.

— Está em Lisboa o sr. conselheiro Augusto Maria de Castro Corte Real, digno procurador regio junto da relação do Porto. Acompanham-no suas ex.mas esposa e filha. Sua ex.ª tenciona regressar amanhã ao norte.

— Foi a Cezimbra, em serviço de advocacia, o nosso amigo e distincto advogado, sr. dr. Barbosa de Magalhães.

— Foi hontem á assignatura o decreto transferindo os juizes de 3.ª classe, encarregados do serviço das execuções fiscaes da Covilhã e Castello Branco, srs. João José Caldeira Pinto Geraldes e José Osorio da Gama e Castro.

— A *Tarde* de hoje publica uma carta do sr. João Eduardo Nogueira e Mello, em que pretende responder ás correspondencias d'Albergaria publicadas no *Correio da Tarde*.

— Sua magestade a rainha D. Maria Pia levou, como brinde a seu irmão, o rei Humberto de Italia, o 2.º volume da *Historira da Cavallaria Portugueza*, do sr. Christovão Ayres. N'este volume vem incluida a historia do regimento de cavallaria n.º 1, lanceiros de Victor Manuel, de que é actualmente commandante honorario sua magestade o rei de Italia.

— Montam a muitos centos de contos de réis as sommas arrecadadas pelo governo, por que differentes companhias não realisaram os seus contractos. Estão n'este caso os depositos do cabo submarino dos Açores, o da Mala Real, o da Companhia das Loterias e outros. Tudo isto talvez não ande por muito menos de mil contos de réis. Ainda hoje o *Diario do Governo* publicou uma portaria ordenando que a multa que a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes deverá pagar, por não ter concluido até 31 de dezembro de 1892 os trabalhos da construcção da 3.ª secção do caminho de ferro da Beira Baixa, e pelo tempo que decorrer desde aquella data, se limite á importancia das despezas de fiscalisação. E note-se que ha ainda d'estes favores!

— Foi hontem á assignatura o decreto, em conformidade com o parecer da procuradoria geral da corôa, declarando rescindido o contrato da companhia da Mala Real Portugueza, para a navegação da Africa Oriental, e tornando a empreza responsavel pela multa de 372:000$000 réis, segundo o mesmo contrato.

— A questão dos phosforos, que trouxe aqui uma commissão do Porto, decidiu-se, dispensando os fabricantes de sellarem até ao fim de junho, mas obrigando-os a sellarem e ao pagamento de direitos d'ahi por diante. Demais será dizer que os fabricantes não ficaram satisfeitos.

— O ministerio da fazenda officiou ao das obras publicas, pedindo providencias para que, quando as direcções districtaes não tenham pessoal para satisfazer qualquer requisição das commissões de inspecção aos predios, o peçam directamente áquelle ministerio.

— O sr. ministro das obras publicas tem mandado pagar aos fornecedores do seu ministerio. Estavam as coisas em tal estado que n'alguns pontos não havia quem quizesse fazer já fornecimentos. Pois se as dividas eram tantas como as formigas nos celleiros!

— Os doidos estão sympathisando com a pessoa do monarcha. Sua Magestade assistiu ante-hontem ao espectaculo do Real Coliseu, retirando quasi ao final. Quando a carruagem que o conduzia ao palacio passava pela calçada das Necessidades, subiu ao estribo um homem que dirigiu a El-Rei uns disparates inoffensivos, que mostraram logo que era um pobre louco. O desgraçado, que se chama Pedro Antonio Gonçalves, tem 44 annos, é casado, tem cinco filhos, e reside na rua do Cura, 8, 4.º andar. De mais será dizer, que foi immediatamente preso pelo cabo n.º 17, da 3.ª divisão, que o conduziu para o respectivo commissariado, onde foi interrogado pelo sr. Leça da Veiga. O pobre louco já esteve por diversas vezes em Rilhafolles, e agora tem a mania de ser ajudante de Sua Magestade. Em seguida ao interrogatorio foi inspeccionado pelos srs. drs. sub-delegados de saude, Luzes e Namorado, que foram de opinião que o infeliz désse novamente entrada n'aquelle hospital, para onde foi hoje enviado.

— Começou ante-hontem a venda da primeira loteria por conta da Misericordia; venderam-se 4411 bilhetes.

Na reunião da commissão administrativa de loterias, realisada tambem ante-hontem, decidiu-se que a relação dos numeros premiados para os brancos fosse sempre a maior possivel. Fizeram-se planos em que essa relação é de 1 para 6, 7 e 8. Toda a gente applaudiu esta resolução que beneficia o publico, sem prejuizo dos estabelecimentos de caridade.

— Do inventario particular a que se procedeu por morte d'El-Rei D. Luiz resulta, que ficaram, livres de todos os encargos, para cada um de seus dois filhos mais 450:000$000 réis.

— Pessoa bem informada, affirma que a empreza do theatro de D. Maria tem em cofre, até á data presente, a quantia de 14:000$000 réis de lucros, e a de S. Carlos mais de 17:000$000 réis. Estes dados servem para corroborar a crença de que em Lisboa não ha crise de capital, de que aqui abunda o dinheiro.

— Sahiram hontem da Caudelaria Nacional os reproductores cavallares que hão de funccionar no corrente anno nos differentes postos de cobrição dos 1.º e 2.º grupos. São 40 os reproductores destinados a este serviço. Para Aveiro não foi nenhum, porque não foram pedidos, indo aliás para outros concelhos do districto.

— Ao muito digno juiz de direito de Faro foram concedidos 30 dias de licença. Este distinctissimo magistrado não volta á capital do Algarve.

— Está finalmente concluida a classificação do pessoal de fazenda. Trata-se agora da collocação, que não poderá ser a contento geral, mas que será o mais equitativa possivel.

— Na quinta-feira da semana futura irá á assignatura regia o grande despacho judicial que ha muito se annuncia e se espera.

— Uns ladrões que se occupavam em roubar guano da fabrica da Povoa, assassinaram um arraes de barco. O assassinado deixou mulher e cinco creancinhas. El-Rei teve conhecimento do facto e declarou-se protector das creanças, d'uma das quaes, que estava proxima a ser baptisada, vae ser padrinho, sendo Sua Magestade a Rainha madrinha. E' mais um bom acto da familia Real que se regista com prazer.

— As cedulas de 50 e de 100 réis vão ser recolhidas á Casa da Moeda. Haverá praso para serem apresentadas nas estações publicas, findo o qual ficarão sem valor.

— Foram reciprocamente transferidos, por conveniencia de serviço, os recebedores das comarcas de Moura, sr. José da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, e de Tavira, sr. Francisco Maria de Mira.

— A emigração continua a despovoar o paiz. O *Loanda*, sahido ha dias para o Brazil, levou nada menos de 800 portuguezes, entre homens, mulheres e crianças, quasi todos das provincias do norte, pois que muitos entraram em Leixões.

— A ideia de crear na Africa instituições religiosas vae callando no espirito de todos, e bom é isso. Oxalá que os poderes publicos não demorem a medida, que só pode desagradar aos que não sympathisam com a ideia patriotica que determina aquella tão util como necessaria instituição.

— Continuam a chegar pessoas mordidas por cães hydrophobos, que são logo mandadas do governo civil, onde veem dirigidas, para o instituto bactereologico, onde são tractadas e com tal cuidado e efficacia, que até hoje nem um só dos curados deixou de ficar inteiramente são.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Fez hontem annos o nosso estimado amigo e digno escrivão e tabellião d'esta comarca, sr. Severiano Juvenal Ferreira. Os nossos sinceros parabens.

— Está gravemente doente a sr.ª Baroneza de Recardães. Fazemos ardentes votos pelo prompto restabelecimento de tão virtuosa senhora.

— Guarda o leito ha quatro dias, com uma constipação fortissima, a ex.ma sr.ª D. Benedicta Regalla de Vilhena, virtuosa esposa do nosso presado collega, sr. Firmino de Vilhena. Sentindo os incommodos de sua ex.ª, fazemos votos pelas suas melhoras.

— Depois de pouca demora n'esta cidade, partiu no dia 11 para a capital, o sr. Mendo Saraiva Lobo da Costa Refoyos, da illustre casa da Vella, no concelho da Guarda, aonde regressará brevemente.

O sr. Mendo Saraiva é um cavalheiro de fino trato e muito delicado. Pertence a uma das familias mais distinctas da Beira, onde é um dos primeiros proprietarios. Posto que indirectamente, acha-se ligado a algumas familias d'esta cidade, onde esteve por diversas vezes em tenros annos, tendo sempre por Aveiro muita dedicação. Foi isso e o desejo de visitar seus bons filhos, os nossos sympathicos amigos srs. Francisco e Antonio Saraiva Lobo, o que o resolveu a visitar Aveiro, que elle achou extremamente melhorada, promettendo tornar a visitar-nos em breve e com mais demora, o que *muito estimaremos*.

— Estiveram ha dias n'esta cidade, sendo hospedes de seu cunhado e nosso muito presado amigo sr. Francisco Antonio de Moura, o sr. dr. Urbano Castanheira de Paiva e sua virtuosa esposa. O sr. Paiva é um cavalheiro em toda a extensão da palavra e digno por isso da consideração que todos lhe tributam. Suas ex.as regressaram já á sua casa da Beira, onde são geralmente estimados.

— Está doente a virtuosa mãe do nosso amigo e illustrado professor da escola da Vera-Cruz, sr. Antonio Maria dos Santos Freire. Sentimos os seus incommodos, e fazemos votos pelas suas melhoras.

— Passou no domingo ultima o 5.º anniversario natalicio do filhinho do nosso presado collega, sr. Firmino de Vilhena, de nome Luiz Firmino Regalla de Vilhena. As nossas felicitações a seus paes.

— Está desde hontem ligeiramente incommodado de saude, o que sentimos, o nosso apreciavel amigo e digno escrivão do direito substituto d'esta comarca, sr. Antonio Dias da Silva, por cujas melhoras fazemos votos.

— Melhora, felizmente, dos seus padecimentos, o nosso presado amigo, sr. José Ferreira Lucena, antigo empregado de fazenda districtal.

— Estiveram hontem n'esta cidade os nossos presados amigos, srs. Manuel Tavares de Paiva, muitu digno encommendado de Villa Chã e Manuel Corrêa Vaz d'Aguiar, zeloso e intelligente presidente da camara de Cambra.

— Regressa á sua casa do Porto na proxima segunda-feira, o nosso antigo e honrado amigo, sr. Manuel Nunes da Fonseca Brandão, muito digno despachante da alfandega d'aquella cidade.

— São 188 os requerimentos para exames de instrucção primaria apresentados no Lyceu d'esta cidade. Os exames começarão na segunda-feira proxima 17 do corrente.

Serviço de dragagens.—Parte hoje para Lisboa o sr. engenheiro Mello e Mattos para entregar aos deputados e pares do districto de Aveiro, alli residentes, a representação approvada em comicio n'esta cidade pedindo a organisação de um serviço de dragagens na ria.

Pharmaceutica.—Acaba de obter o justo premio dos seus proficuos e trabalhosos estudos de farmacia com a plena approvação do acto final, que vem de fazer, a ex.ma sr.ª D. Elvira Adelaide Fontes Alla, sympathica filha do considerado pharmaceutico d'esta cidade, sr. Joaquim Maria Alla, senhora intelligente e prendada, chegou cedo ao fim da carreira a que se devotou, sendo a primeira da nossa terra que vae até tão longe. Felicitamol-a e a seu bom pae, desejando-lhe as maiores venturas.

O imposto do pizo.—A camara determinou que fosse cobrado, como o é nas outras praças, o imposto do pizo no mercado do Peixe. Em cumprimento d'essa resolução, os empregados municipaes foram alli na segunda-feira, mas sem resultado, por que as vendedeiras não pagaram.

Hontem, porém, a presença d'uma força de cavallaria montada, que a requisição da camara se apresentou no local, resolveu as difficuldades: as pobres pagaram. Tudo isto é extraordinario e não se observa sem tedio, porque Aveiro nunca presenciou factos d'esta ordem—factos que não abonam decerto o bom criterio de quem dirige os negocios municipaes.

O que está succedendo previra-se e houve quem pretendesse evitar o mal, o que se não conseguiu, porque a corrupção, a força e o dinheiro poderam mais. Felizmente que o desengano está hoje no espirito de todos.

Tem graça.—Um collega lisbonense, que de vez em quando mimoseia os seus leitores com umas trovas galantes, prata da casa a que dá o nome de *popular*, vem no seu n.º de hontem com a seguinte quadra, que nos parece muito um flagrante plagiato a outra ha pouco publicada em folhetim d'este jornal:

> «A minha alma é só tua,
> meu coração é só teu;
> nem eu já sei se ainda tenho
> alguma coisa de meu.»

O auctor da primeira publicada, dá ao plagiato muito pouca importancia; acha, porém, uma certa graça á forma, que não offende, que até lhe é grata por ter inspirado a alguem uma ideia aproveitavel. Regista apenas o facto, e nada mais.

Exames.—Começam hoje os exames de admissão ao lyceu, sendo a meza composta dos srs. Antonio Maria dos Santos Freire e rev.º padre Vidal, professores primarios, e presidente um dos srs. professores do lyceu.

Festividade.—Tem logar ámanhã na Quinta do Gato a festividade em honra de Nossa Senhora da Piedade, promovida por alguns devotos d'aquella povoação, que fica nos suburbios d'Aveiro. De tarde ha o costumado arraial, que costuma ser muito concorrido.

Septenario.—Findou hoje o septenario, que, em honra de Nossa Senhora das Dôres se tem feito na egreja das Carmelitas. A'manhã é a respectiva festividade. O septenario tem sido muito concorrido de pessoas de todas as classes, o que prova que entre nós ainda não está extincto o fervor pelas crenças religiosas. Antes assim.

S. José.—Como o dia 19 de março foi domingo de Lazaro e, por tanto, impedido para a festa em honra do casto Esposo da Virgem, ficou a festa transferida para domingo 23 do corrente, dia do patrocinio do mesmo Santo. A festa terá logar na egreja de Nossa Senhora da Gloria, e constará de missa cantada a grande instrumental e Senhor Exposto. De tarde haverá sermão, ladainha e outras praticas religiosas e a encerração do Santissimo Sacramento. E' juiz da festa o sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa, digno governador civil substituto d'este districto.

Theatro-barracão.—Com geral agrado, tem continuado ahi a dar espectaculos no theatro-barracão do Rocio, a companhia do sr. Francisco Lozano. Os artistas teem-se esforçado por merecer os applausos da plateia, e tem-o conseguido. Na quinta-feira representou-se alli *O Drama do Povo*, do festejado escriptor st. Pinheiro Chagas, onde a actriz Lola e os actores Ramos e Oliveira se houveram bem, sendo muito applaudidos.

Novo hospital.—Por iniciativa do importante capitalista, sr. Matheus Antonio Soares Bello, vae construir-se na Murtoza, um hospital onde os enfermos pobres d'aquella grande freguezia encontrarão a caridade e o conforto. Para a sua sustentação conta aquelle prestimoso cidadão com donativos das almas bemfazejas e, quando os recursos o permittirem, o auxilio que alli se presta estender-se-ha aos necessitados das freguezias mais proximas, que são Bunheiro, Veiros, e talvez depois a Pardilhó.

Para se levar por deante esta magnifica ideia, houve alli no domingo passado uma importante reunião, presidida pelo distincto clinico, sr. dr. José Antonio Pereira. Louvamos a iniciativa de tão util emprehendimento.

Casa Frederico Daupias.—Este importante estabelecimento horticula, um dos primeiros e mais notaveis da Peninsula, e uma das mais acreditadas casas de Lisboa, sita na rua Nova do Carmo, n.º 35, está prestando um valioso serviço á floricultura e horticultura europeias com a larga publicação dos seus bem coordenados e desenvolvidos annuncios, em cada um dos quaes todos os dias se encontra uma nova e variada lista de sementes das mais delicadas e mimosas flôres e de toda a especie de hortaliças.

Os annuncios, assim como os curiosos catalogos publicados pela Casa Frederico Daupias, são notabilissimos pelas ricas e apreciaveis collecções das sementes que apresentam, e pela fórma clara e concisa como instrue os amadores, agricultores e horticultores, apontando as épocas de sementeira, a qualidade de terra e a maneira de a preparar, os logares, mais convenientes para a producção e os cuidados que se devem dispensar ás diversas variedades de plantas, tudo emfim o que pode tornar melhor e mais productiva a sementeira.

O methodo pouco vulgar como está organisada aquella casa, a boa disposição dos artigos, a escrupulosa escolha das sementes, a excellente qualidade e a garantia da germinação de todas ellas, como podemos provar por experiencia propria, tornaram aquelle estabelecimento o primeiro do paiz n'aquelle genero, facilitando fazer-se acquisição do que ha de melhor e na qualidade que se desejar sem ser necessario recorrer a casas estrangeiras ou a favores estranhos. Os seus creditos, de ha muito bem accentuados, augmentam de dia para dia, tanto em Portugal, como fóra d'elle, nas ilhas e no estrangeiro, por toda a parte onde chega o nome de tão respeitavel casa, e todos são unanimes em engrandecêl-a pela seriedade, promptidão e escrupulo com que satisfaz toda e qualquer encommenda. Nós podemos já confirmal-o, porque, antes de qualquer dos nossos leitores, fizemos acquisição de sementes que não só vieram na volta do correio, mas que, lançada á terra, estão já produzindo brilhantemente.

Ultimamente o movimento da Casa Frederico Daupias tem crescido d'uma forma admiravel, e aquelle acreditado estabelecimento teve a honra de, ha poucos dias, receber avultadas encommendas de S. M. a Rainha, assim como tem sido muito visitado por grande numero de pessoas gradas, que admiram as variadissimas collecções de toda a especie e louvam a ordem e acerto como é feito o expediente, o que prova a alta competencia do seu honrado e bemquisto proprietario e os vastos conhecimentos que possue n'este ramo de tanta circumspecção e difficuldades, onde muitos teem naufragado. A diaria affluencia de pedidos acompanhados de sinceros elogios, provam que tão prestavel cavalheiro, pelos seus dotes, pela extrema affabilidade, honradez e aturado estudo, tem adquirido as sympathias, estima e confiança de todos os que se lhe dirigem, e que de preferencia a qualquer outra, escolhem a sua casa.

No nosso jornal de hoje encontrarão os leitores um dos notaveis annuncios da Casa Frederico Daupias, pelo qual poderão julgar do que expomos, e para que pedimos toda a sua attenção, porque de toda ella é digna essa notavel publicação. Estamos certos de que os que nos lerem em todo o paiz e ilhas, porque em toda a parte temos felizmente quem nos leia, não deixarão de fazer a esta casa as suas encommendas, e n'estas simples informações julgamos prestar-lhes um optimo serviço. Experimentem todos, e verão. Nós, repetimos, podemos affirmar o que fica dito, porque o sabemos por conhecimento e experiencia propria.

Crise de trabalho.—Quasi todos os artistas de Avelro se tém queixado de falta de trabalho e cremos que para isso não tem deixado de haver motivos. Em alguns talvez as queixas sejam exageradas, por que sempre tem aparecido serviços, mais ou menos importantes, em que se vão empregando. E, tanto isto é verdade, que sabemos de algumas pesseas das nossas relações, que, querendo fazer alguns concertos em suas casas, tem tido difficuldade em arranjar operarios, porque quasi todos dizem que já estão compromettidos e por muitos dias para diversas obras de mais ou menos vulto.

Agora, porem, cremos, que felizmente, essa crise vae minorar consideravelmente, o que devéras estimamos. Alem de outras obras, acham-se começadas e continuam as edificações de alguns predios de grandes dimensões, na Rua Anselmo Brancamp (antiga Rua Direita) no Terreiro; Cojo; na Rua do Norte e n'outros pontos da cidade. Tambem ouvimos dizer e com todo o fundamento, que o sr. Visconde de Valdemouro vae demolir a sua antiga casa da Rua José Estevam (antiga Rua Larga) e convertel-a em um bonito palacete no gosto moderno, de vastas dimensões. Alem d'estas, outras obras se projectam, que de certo se realisarão, com o que muito deve lucrar a classe artistica d'Aveiro.

Reunião.—Pedem-nos a publicação da seguinte noticia:

Reunem ámanhã, na rua de José Estevam d'esta cidade, os empregados do commercio local, a fim de resolverem como melhorar a sua tão precaria situação, apresentado ás casas commerciaes, em que estão, as suas justas reclamações. Consistem estas no encerramento dos estabelecimentos aos domingos, desde as 3 da tarde até ás segundas-feiras de manhã. Com effeito, quando todos procuram espairecer, uns arrancando ao peito as suas plangentes maguas, outros gosando o doce remanço das tardes, fortificando os animos para reentrarem na lucta pelo trabalho, é pena que esta classe, onde no geral se encontram almas de mancebos, abertas á liberdade, passem esse tempo dentro de um balcão, constrangidos, dilacerados, quaes aves a quem o laço traiçoeiro privou da immensidade!

Nós, que contamos n'esta classe alguns amigos dedicados, almas, como a nossa, formadas para abranger de um só vôo o ceruleo espaço de um ceo de phantasias, e que algumas vezes temos presenciado o tedio que as domina n'aquellas horas, creadas para a mocidade, não podemos deixar de os applaudir, contribuindo quanto em nós couber, para a realisação do seu almejado projecto, tão digno, quanto justo.

Aguardamos com anciedade o desenlace, esperançados em que os seus pedidos encontrarão écco no peito dos seus superiores, porque estes, tendo já passado pela mesma epoca da juventude, saberão avaliar cabalmente o alcance das suas petições.—V.

Lisboa comica.—Soburdinado a este titulo, vae aparecer brevemente em Lisboa uma publicação semanal illustrada, sob a intelligente direcção de Herculano Sarmento, um bello moço, que aqui fez os seus primeiros estudos e os seus primeiros ensaios litterarios, com caricaturas de Celso Herminio, uma brilhante vocação para o genero, e com a collaboração illustrada de Abel Botelho, Carlos Sertorio, Fialho d'Almeida, Antonio e José Sarmento, Trindade Coelho, Gervasio Lobato, Marcellino Mesquita, etc. etc., o que é um auspicioso pronuncio.

Dezejamos á nova publicação um venturoso futuro.

Almanak de Anadia.—Para 1894 vae publicar-se um Almanak com aquelle titulo, devido á iniciativa do nosso illustrado collega do *Jornal d'Anadia*, sr. Arthur de Campos, digno empregado publico e escriptor de bastante merito.

Será impresso na Typographia do *Jornal de Anadia*, e n'elle collaboram muitos dos escriptores do districto de Aveiro. Que as auras da ventura bafejem a empresa do sr. Arthur de Campos, é o que sinseramente desejamos.

Justo.—O perdão, que é um dos melhores actos e a mais bella prorogativa do poder moderador, acaba de estender-se tambem a uma pobre velha, ha annos presa nas cadeias d'esta cidade, pelo crime de infanticidio. A condemnada chama-se Joanna de Souza, e é natural de Sarrazola, freguezia de Cacia, d'este concelho. Consta-se que, aparecendo-lhe ha annos gravida uma filha, ambas combinaram em encobrir a falta, commettendo o crime de infanticidio, que as arrastou á cadeia. No dia do julgamento, foi a filha absolvida, e a mãe condemnada a degredo na Africa, para onde não chegou a ir por ser muito avançada na idade. Já por duas vezes a infeliz obteve commutação de pena, sendo-lhe só agora perdoado o tempo de prisão que lhe restava cumprir.

Fallecimento.—Falleceu na segunda-feira o conhecido barqueiro d'esta cidade, Joaquim da Silva Palavra, mais conhecido pela alcunha de *Quina*. Não sabendo ler nem escrever, tinha uma facilidade pasmosa em fazer as quatro operações arithmeticas. Era prodigioso pela rapidez e exactidão com que realisava essas operações.

Paz á sua alma.

Morte repentina.—João Cardoso, lavrador de Esgueira, foi, com outros, no principio d'esta semana á Bairrada para trazer uma pipa de vinho. Alli sentiu-se mal disposto, queixando-se aos companheiros, e estes aconselharam-o a descançar um pouco. Quando, porém, d'ahi a algum tempo, o chamavam, estava morto.

O desditoso veio depois no proprio carro para Esgueira.

Novos barcos.—Deve ir á agua ámanhã o navio que acaba de ser construido no estaleiro da Gafanha, para o que se estão preparando alli grandes festejos. O novo barco arma em palhabote, e como se destina á navegação do mar alto, foi forrado de cobre. Pertence é praça de Ilhavo, e é propriedade dos srs. Razoilos.

No mesmo estaleiro deve brevemente ser collocada a quilha de uma chalupa.

A feira.—Terminou no domingo por completo, e já se anda desfazendo o respectivo abarracamento.

Ensino agricola. — A Real Associação de Agricultura Portugueza vae occupar-se da importante questão do ensino agricola.

Escola pratica de infanteria.—Começa no dia primeiro do proximo mez o periodo de instrucção de verão na escola pratica de infanteria.

Todos os corpos da arma mandarão alli apresentar um pequeno contingente de forças com que se organisará a companhia de guerra, que pela organisação da referida escola deve trabalhar durante aquelle periodo. O programma dos trabalhos comprehende 73 sessões divididas da seguinte fórma: 31 de tiro, 12 de tactica abstracta e serviço de guarnição, 19 de tactica applicada e serviço de campanha e 11 de fortificações e trabalhos de campanha.

Em breve vão tambem principiar os trabalhos sobre topographia e reconhecimentos, achando-se actualmente na escola 71 primeiros sargentos cadetes para receberem esta instrucção, 31 cabos para a instrucção de gymnastica e 8 subalternos para seguirem o curso de aperfeiçoamento da classe de esgrima. No periodo de instrucção de verão será nomeado um official subalterno em cada regimento de infanteria e caçadores para tomar parte nos differentes exercicios.

Movimento commercial em Coimbra.—Continúa o azeite pelo preço de 1$560 a 1$570, o lagareiro; e a 1$610 o fino. Tem ultimamente vindo pouco ao mercado. Os cereaes e legumes regulam pelos seguintes preços: Trigo de Celorico graudo 560, dito tremez 560, milho branco 335, dito amarelo 335, feijão vermelho 520, dito branco 420, dito rajado 340, dito frade 420, centeio 440, cevada 300, grão de bico graudo 670, dito miudo 650, favas 420, tremoços 280.

Conservam-se estacionarios os preços dos cereaes e legumes. Não ha transacções, sendo numerosas as offertas, e nenhuma a procura.

— O agio das libras continua a 800 réis. O agio do ouro nacional está a 16. A prata deixou de ter agio.

Ainda o naufragio de ‹Rosales› ou o assassinato da sua tripulação.—Em Buenos-Ayres vae grande agitação por causa do processo instaurado contra os officiaes do navio de guerra *Rosales*, os quaes, como é sabido, abandonaram e entregaram á morte toda a tripulação do navio para se salvarem com toda a commodidade.

A agitação justifica-se, porque o segundo commandante do *Rosales* vem a ser filho do proprio ministro da guerra e marinha, que fez todo o possivel para que se pozesse pedra no processo. O coronel Lorozy, o promotor do processo, chegou a receiar que tramassem contra a sua existencia e requisitou das authoridades forças não só para lhe protegerem a vida, mas tambem para guardarem o processo.

Do processo resulta que a tripulação do *Rosales* não só foi embriagada, mas tambem encerrada no porão, para que não podésse oppôr-se á fuga dos officiaes. Durante a fuga a officialidade pôz-se toda de accordo para prestar identica declaração, eximindo-se assim de qualquer culpabilidade. Alguns officiaes, porém, começaram a titubear, acabando por dizer toda a verdade. Não houve em toda a officialidade mais que um homem de pundonor, que preferiu ficar no navio, cumprindo heroicamente o seu dever, a acceitar a covarde proposta dos chefes e companheiros. Este official chamava-se Giralt, e morreu com a tripulação ao submergir-se o *Rosales* no oceano.

As ultimas guerras. Um inglez—são de ordinario os inglezes que fazem semelhantes trabalhos—calculou em face dos relatorios e documentos officiaes, o numero de victimas causado pelas guerras modernas.

Segundo o referido estatistico, a guerra de 1879, entre a França e a Allemanha, custou 250:000 mortos aos dois paizes; a de 1886, entre a Prussia e a Austria, 46:000 mortos; a do norte contra o sul, em 1864, nos Estados-Unidos, 450:000 mortos; a de Italia, em 1859, 63:000 mortos; finalmente, a da Criméa, a mais terrivel de todas, em 1854, 785:000 mortos.

As guerras do primeiro imperio napoleonico custaram a vida a 5:000: de europeus. Juntando a estes numeros as victimas das guerras do seculo passado, chega-se a um total de 19.840: mortos para as nações civilisadas da Europa e para os Estados-Unidos.

Se se remonta á guerra de Troia, a porporção é ainda a mesma. Alguns combates em que os soldados pelejavam braço a braço eram até relativamente mais mortiferos. Citam-se alguns em que o numero de mortos se elevou a 200:000, o que é consideravel para a epoca. Assim, a derrota dos cimbrios e dos teutões por Marius, e as ultimas excursões bellicas de Atila, produziram resultados medonhos.

O estatistico inglez calcula que em cada seculo são mortos na Europa pela guerra cerca de 20.000:000 de homens. Na Asia e especialmente na China, o numero das victimas da guerra por seculo, é quasi o mesmo. Gengis Khan e Tamerlan sacrificaram muitos milhares de vidas á sua gloria de conquistadores.

Finalmente, temos as nações não civilisadas que pagam o seu tributo á hecatombe secular com 5:000:000 dos seus abitantes.

Póde-se avaliar em 40.000:000 de mortos o numero de victimas que de cem em cem annos fazem as guerras politicas, religiosas, civis e intenacionaes. As mais minuciosas estatisticas provam que, desde a guerra de Troia, todos os annos deram o seu contingente ao numero das victimas da guerra. E, como comclusão, desde as edades primitivas da historia da Asia até á nossa epoca, as guerras destruiram, 1.200:000:000 homens, isto é, um numero que representa pouco mais ou menos a actual população da terra.

A dança electrica. — O ultimo acontecimento de sensação nos Estados-Unidos é uma bailarina chamada Darothy Denning, inventora da dança electrica, que todas as noites põe a sua vida em perigo. Esta rapariga apresenta-se ao publico com um trajo pittoresco do qual pendem 100 lampadas electricas, que se accendem por meio de numerosos fios. Qualquer alteração da corrente, que é de formidavel potencia, qual ruptura, qualquer insignificante perturbação póde produzir a morte instantanea da bailarina. A um *reporter* disse a *miss* o seguinte.

‹Tenho uma confiança illimitada na minha ajudante, mas emquanto estou em scena não me deixa o receio de um accidente que não póde deixar de me ser fatal. O calor que vem das cem lampadas, unicamente separadas do meu corpo por uma ligeira fazenda impregnada de azeite, é insupportavel. Logo que se accendem as lampadas, as dôres são de tal ordem que me obrigam a gritar. Nenhuma mulher de constituição fraca poderia executar a dança electrica. ›

O theatro em que a pobre rapariga se exhibe tem tido enchentes collossaes. Muitos *yankees*, prevendo uma catastrophe n'um futuro proximo, e desejosos de a presenciarem, fizeram assignaturas por toda a epoca, com grande alegria do emprezario.

IMPOSTO MUNICIPAL SOBRE A SARDINHA

E' do *Conimbricense* de 11 o seguinte artigo:

No sabbado houve no mercado de D. Pedro V grandes queixas e protestos das vendedeiras da sardinha, contra o imposto que n'esse dia lhes era exigido pelos respectivos empregados da camara municipal. Recusaram-se ellas ao pagamento do imposto, pelo grave vexame que com isso soffriam.

Em vista d'essa recusa foi-lhes apprehendida a sardinha, que tinham para vender. Perto da 1 hora da tarde fomos procurados em o nosso escriptorio por grande numero das referidas vendedeiras, para nos exporem os motivos do seu aggravo.

Disseram-nos que cada uma pagava á camara municipal 3$800 réis de licença para vender no mercado. Que além d'isso pagavam para o estado um pesado imposto de gremio, que entre ellas tem regulado nos extremos de 5$000 a 30$000 réis. Que não obstante tudo isso, a ultima camara lhes exigira 150 réis por cada cabaz de sardinha, o que absorvia o interesse que da sua venda podiam obter, collocando-as assim em difficeis circumstancias; chegando muitas vezes, não só a não ganharem na venda dos cabazes de sardinha, mas a perderem, o que era facil de demonstrar e provar com os factos. Que quando começou a gerencia da actual camara, confiando que ella seria dotada de animo mais justiceiro, lhe requereram, expondo-lhe os seus justos motivos de queixa, e pedindo-lhe para serem libertadas de tão pesado onus, sujeitando-se em ultimo caso a pagar um imposto equitativo.

Que era tão justo o seu pedido, que estiveram até agora convencidas de que seriam attendidas. Que não obstante isso, com grande surpreza sua lhes começara no sabbado a ser exigido o pagamento do imposto de 100 réis por cabaz de sardinha; tendo tambem de pagar por todos os cabazes que haviam vendido desde o principio de janeiro até 16 de março, a 150 réis, importancia que se tinha accumulado, e que as collocava ainda em maiores difficuldades. Que ao mesmo tempo que a ellas se exigia a 100 réis por cabaz, nos armazens de sardinha apenas se exigia 50 réis; e isto dando-se ainda outra desegualdade contra as vendedeiras do mercado, pois que emquanto ellas apenas estão a vender até ás 11 horas da manhã, nos armazens se póde vender até á noute.

Que apesar d'essa desegualdade de horas de venda, ellas vendedeiras no mercado se sujeitavam a pagar os mesmos 50 réis por cabaz; sendo uma gravissima injustiça e verdadeira iniquidade exigir-lhes o dobro.

Mais nos disseram as vendedeiras que havendo-se queixado do vexame que se lhes fazia, houve quem lhes dissesse que ellas tinham na sua mão resurcir-se do prejuiso do imposto, vendendo ao povo, por cada 20 réis, em logar de 5 sardinhas, só 4, e o mais nessa proporção. Que isto era não só injusto, pois ia fazer recair sobre o consumidor o imposto; mas nem se evitava que ellas vendedeiras não fossem prejudicadas; pois que logo que o povo veja que se lhes dá menor numero de sardinhas no mercado, e maior numero nos armazens, vae de preferencia fazer a estes as suas compras, abandonando o mercado, o que era reduzil-as á miseria. Expomos aqui todas estas razões á camara municipal.

Trata-se de uma classe de vendedeiras de muito poucos meios, e egualmente se trata de um alimento de primeira necessidade. O ministerio passado, não obstante propôr um grande augmento tributario nos generos de consumo, teve com toda a justiça em contemplação a sardinha, por ver que não havia nada mais duro do que sobrecarregar com impostos os pobres, que são em regra os que mais consumem esse genero.

Parece ser rasoavel a proposta das vendedeiras de sardinha, e por isso esperamos que a camara municipal a acceite, pedindo a competente auctorisação para se diminuir o imposto por cabaz de sardinha a 50 réis, pondo assim termo a estas queixas de uma classe, que vive com grandes difficuldades; e attendendo que se trata de um alimento indispensavel para a pobreza.

Estimaremos ver que as queixosas são attendidas, cessando assim estes protestos e reclamações, que são sempre desagradaveis; principalmente quando são justificados.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O TRABALHO DOS MENORES

O *Diario do Governo* publicou na segunda-feira o regulamento para o trabalho dos menores e das mulheres nos estabelecimentos industriaes ou sob qualquer direcção, dando assim cumprimento ao decreto de 14 de abril de 1891. O regulamento contém 3 capitulos, um determinando a admissão, horas de trabalho e descanço, outro relativo á hygiene e segurança, e o ultimo regulando a inspecção e a vigilancia.

Desde Saraiva de Carvalho até ao sr. Pedro Victor, todos os ministros de obras publicas se teem preoccupado com a sorte dos menores nas fabricas; as associações de classe e congressos operarios teem reclamado n'este sentido, e os grupos democratas que vivem da lisonja ás classes trabalhadoras, onde contam os seus mais devotados servidores, teem encaminhado a opinião publica em sentido favoravel á providencia agora decretada.

Portanto não seremos nós quem se ha-de revoltar contra a protecção concedida ao trabalho infantil e feminino, embora tenhamos graves apprehensões sobre o modo como ha-de tornar-se efficaz e proveitosa essa protecção.

Entendemos até que o sr. Bernardino Machado fez muito bem em atirar para cima das reclamações jacobinas com essa nova diversão, que não fará bem nem mal aos menores e ás mulheres, parece-nos.

Por esse motivo não queremos agora alludir aos conflictos que vão dar-se entre patrões e inspectores, nem ás despezas que vão fazer-se com a installação dos novos serviços, nem aos transtornos que vão soffer os estabelecimentos industriaes com a despedida obrigada de parte do seu pessoal.

Ha-se succeder com este regulamento o que succedeu com o decreto das bolsas de trabalho. Os operarios serão os primeiros a recusar o beneficio e as providencias decretadas ficarãa letra morta.

Mas nada d'isto diminuirá o enthusiasmo com que a imprensa de todas as côres e a plebe de todos os matizes se levanta em côro para saudar as medidas socialistas que estão abrilhantando as paginas da folha official.

Seja assim. E fazendo por nossa parte todos os possiveis por não desmanchar prazeres, aqui fazemos tambem o nosso reclamo ao regulamento, dando aos nossos leitores um extracto desenvolvido d'essa peça official.

Diz isto o *Tempo*.

*

Os menores de 10 annos de edade completos, que satisfaçam aos preceitos e restricções do artigo 2.º do decreto de 14 de abril de 1891, pódem ser admittidos nas seguintes industrias:

1.º Dobadura dos casulos de seda;
2.º Dobadura de seda;
3.º Dobadura de algodão;
4.º Fiação do cadraço ou barbilho;
5.º Fiação de seda;
6.º Fiação de algodão;
7.º Fiação da lã;
8.º Fiação do linho;
9.º Fabrico do papel.

Só poderão admittir-se nos estabelecimentos industriaes os menores de 10 a 12 annos de edade, que não frequentarem alguma escola publica ou particular, a não ser que lhes aproveitem as excepções consignados na lei de 2 de maio de 1878.

No emprego dos menores com 10 a 12 annos de edade nos misteres ou estabelecimentos industriaes indicados acima, ter-se-ha em vista:

Que é prohibido, por conveniencia de hygie e segurança, empregal-os:

1.º No movimento de rodas de eixo vertical;

2.º No movimento de quaesquer apparelhos obtido por meio de saltos sobre pedaes;

3.º Em metter e chegar madeira ou qualquer outro material a serras circulares, verticaes ou sem fim;

4.º No serviço das machinas de cortar, furar, aplainar e escatelar;

5.º Como productores de movimento nos teares;

6.º Na manobra de valvulas e torneiras de vapor.

Os menores com mais de 12 e menos de 16 annos poderão ser empregados no movimento de rodas de eixo horisontal, ou nas rodas ordinarias de olaria, não excedendo o trabalho diario a 5 horas.

Os menores com 10 a 12 annos de edade admittidos a trabalhar nas industrias indicadas acima, não poderão ser empregados no transporte de cargas á cabeça, ás costas ou por tracção.

Os menores do sexo masculino com menos de 14 annos e os do sexo feminino com menos de 16, não pódem ser empregados na tracção de cargas na via publica.

No interior dos estabelecimentos industriaes os menores de 12 a 14 annos poderão ser empregados no transporte de cargas que não excedam o peso determinado na lei.

São considerados como officinas de fogo continuo sómente as seguintes:

1.º Vidrarias,
2.º Fundições;
3.º Fabricas de papel.

Os trabalhos que os menores de mais de 12 annos pódem fazer nas officinas indicadas acima, aos domingos ou durante a noite, são os seguintes:

1.º *Vidrarias*: ajudar os operarios vidreiros e dar-lhes serventia; transportar os objectos para os fornos;

2.º *Fundições*: ajudar os fundidores no fabrico e dar-lhes serventia;

3.º *Fabricas de papel*: auxiliar os operarios encarregados da vigilancia das machinas e apparelhos; escolher, cortar, dispôr em rolos e arrumar o papel.

Mas estes trabalhos ficam, em todo o caso, sujeitos ás prescripções de hygiene e segurança, já notadas.

A admissão de menores do sexo masculino com mais de 12 annos em trabalhos nocturnos de qualquer estabelecimento industrial, em que tiver havido interrupção de trabalho resultante de caso de força maior ou de circumstancia imprevista, só poderá realisar-se com prévia licença do inspector industrial da respectiva circumscripção.

Estas licenças só poderão ser concedidas temporariamente, e a requerimento dos interessados, devidamente justificado.

No caso em que o inspector julgar conveniente conceder a licença pedida, deverá regular as horas de trabalho diurno e nocturno dos menores.

Devem ser considerados como casos de força maior,

1.º As cheias, quando impeçam o serviço de motores hydraulicos por mais de sete dias consecutivos:

2.º Os incendios, quando não sejam devidos a incuria ou culpabilidade dos proprietarios ou directores dos estabelecimentos industriaes;

3.º A prohibição de trabalho por motivo de ordem publica ou por qualquer outro a que não tenham dado causa os proprietarios ou directores dos estabelecimentos industriaes, imposta pelas auctoridades administrativas, policiaes ou judiciaes;

4.º Impossibilidade de adquirir as materias primas indispensaveis para a laboração do estabelecimento industrial, em virtude de prohibição temporaria da importação d'estas materias primas, ou de cessação imprevista, nas suas transacções commerciaes por parte dos fornecedores habituaes d'aquelles ou ainda por motivo de interrupção nos meios usuaes de transporte;

5.º Demolição, por motivo de expropriação, das officinas; no todo ou em parte;

6.º Uma epidemia que ataque os operarios e obrigue á sua dispersão e portanto a interrupção de trabalho;

7.º Suspensão dos trabalhos por motivo de guerra.

As *greves* ou *paredes*, não serão consideradas como casos de força maior.

Os menores do sexo masculino, admittidos nos trabalhos subterraneos, só poderão ser empregados nos seguintes mistesres:

1.º Escolha de minerio;

2.º Carregamento, manobra e movimento de wagonetes;

3.º Manobra de portas de ventillação;

4.º Rotação de ventilladores.

Quando o movimento dos wagonetes se fizer sobre carris de madeira ou metalicos salientes ou cavados, o limite de carga poderá ser excedido, mas de fórma que o esforço medio a exercer não seja superior a 3 kilogrammas, para o que se terá em attenção a qualidade dos carris, a largura, as inclinações e os raios de curva adoptados na construcção dos caminhos.

A determinação das accommodações hygienicas das *creches*, a organisação do seu serviço interno e a fixação das horas de amamentação das creanças serão objecto de regulamento especial.

*

O capitulo III respeita como dissémos, á inspecção e vigilancia, principalmente ás cadernetas e aos livros de registo, estabelecidos no decreto citado de 1891.

As cadernetas, organisadas segundo o modelo determinado pelo ministerio das obras publicas, serão fornecidas, a requisição dos interessados, pelo inspector industrial da respectiva circumscripção directamente ou por intermedio das administrações de con celho ou bairre.

Os donos, chefes ou directores dos estabelecimentos industriaes farão as diligencias necessarias para que a escripturação das cadernetas, esteja em dia e guardarão estas em seu poder, durante o tempo em que empregarem os menores, a que ellas digam respeito, restituindo-lh'as, logo que deixem de os empregar.

O regulamento determina egualmente o serviço das inspecções, cujos funccionarios poderão, em diversos casos, ser substituidos pelas auctoridades administrativas ou policiaes.

Nos estabelecimentos industriaes e escolas profissionaes annexas a emprezas de caminhos de ferro ou a outras sobre as quaes o estado exerça fiscalisação technica, será feita pelos engenheiros fiscaes technicos do governo, junto d'essas emprezas, a inspecção do trabalho dos menores e das mulheres.

Os autos levantados por aquelles funccionarios nos estabelecimentos industriaes e escolas profissionaes, por motivo de transgressões n'elles commettidas contra o determinado na lei e seus regulamentos serão acreditados em juizo até prova em contrario, e considerados como corpo de delicto, para todos os effeitos, salvo quando não haja reclamação do ministerio publico.

Aos inspectores fica o direito de reclamarem a presença das auctoridades administrativas, policiaes ou judiciaes, ou da força publica; e de mandarem intimar medicos ou peritos para os exames de corpo de delicto, nos casos que o entendam necessario ou urgente.

As tabellas comprehendem: a indicação dos estabelecimentos industriaes em que é prohibido o trabalho dos menores; e em que é permittido sob certas condições.

A prohibição, em geral, recae nas officinas onde se empreguem sbstancias toxicas ou em que se produzam emanações deleterias.

INSTRUCÇÃO SÔBRE A CULTURA DAS AMOREIRAS E CRIAÇÃO DOS BICHOS DA SEDA

POR

D. RAFAEL BLUTEAU

ADDITAMENTOS

I

Para em poucos annos tirar da cultura das amoreiras proveito digno da despeza e trabalho do agricultor, é necessario que plante muitas no mesmo tempo. Duas ou tres mil bastarão para com este grande numero ter no principio folha sufficiente para uma criação de bichos da seda, capaz de compensar os primeiros gastos d'ella e dar animo a seu dono para continuar. Tambem todos os annos bom será accrescentar o moral de algumas cem plantas, para ir suprindo a falta das que se forem secando, e juntamente dar logar a que umas descancem, emquanto servem as outras. Esta advertencia é para senhores de terras.

Quantas amoreiras se pododeriam plantar em uma coutada dos duques de Aveiro, da qual dizem que tem algumas quinze leguas de extensão em mato? Não fôra elle muito mais rendoso do que é, se fôra todo mato de amoreiras? Quanto se aproveitariam os povos circumvizinhos se lhes dessem a fiar, dobar e tecer a seda, que cada anno poderia sair dos bichos que na dita terra se criassem! E se quizessem mato para a caça, não bastaria tomar dez leguas para este effeito, e deixar as outras cinco para a seda?

Não sei como em Portugal se resfriou o zelo da cultura das amoreiras. Ha mais de quatrocentos annos, que prelados portuguezes encommendavam aos seus diocesanos a cultura d'esta planta. Na *Historia Ecclesiastica de Braga*, cap. 25, numero 4, diz o auctor d'ella D. Rodrigo da Cunha, fallando no arcebispo de Braga, D. Silvestre Godinho (Entrado o Janeiro da era de 1271, de Christo 1233): Estando o arcebispo em Chaves, de foral aos moradores do Couto de Ervededo; e onde lhes assigna as propriedades de que lhes haviam de pagar foro, faz muito caso das amoreiras e manda, que por nenhumna via se venda sua folha para fóra do Couto, e que do sirgo que se criar, lhe pagarão a sua parte em casulos.

II

Da terra humida, gorda, ou barrenta, nunca sae a folha tão perfeita, nem para os bichos tão saborosa, como a que em arneiros e terras delgadas se cria. Supposto isto, bom é que se plantem as amoreiras longe das fontes, terras apaúladas e pantanosas, porque a folha que d'ellas nascer, será mais grossa, e para o nosso gado menos gostosa.

III

Para ter em pouco espaço de terra grande numero de amoreiras, será necessario fazer arvoredos d'ellas, dispondo-as em carreiras, com distancia uma da outra de quatro ou cinco toezas, cada uma de seis pés, que chamam regios, cada pé de doze pollegadas, para todas larga e livremente receberem o calor do sol, a ventilação do ar, as influencias do céu, e não se misturarem debaixo do chão as raizes de uma planta [illegible] cia que por estas mesmas r[illegible] ve observar nas amoreiras que se plantarem circularmente nas bordas ou limites dos campos, ou (segundo outra nova invenção) dispondo em terras de pão as amoreiras, e que distem de duas em duas toezas, e em meio, formando com cada duas fileiras ou carreiras, uma rua, e deixando entre umas e outras grandes vãos quadrados, ou redondos, cada um de uma geira de terra, para os pães medrarem e não serem piados dos colhedóres da folha.

IV

Á seda toma em si a qualidade da folha, da qual procede. Da folha das amoreiras brancas sae uma folha leve e fraca, mas não por isso menosprezada, nem menos apta para todo o ganero de obras que se fazem com seda de folhas negras, as quaes tambem, ainda que grossas, não deixam por isso de ter boa serventia em obras somenos; das quaes, sem embargo de serem mais baratas que as finas pela quantidade, d'ellas bastante lucro se tira. Para a prova pois de que a seda procedida das folhas de amoreiras brancas é melhor que a das amoreiras negras, basta dizer que as gallinhas e os porcos são mais golosos da primeira que da segunda; e nunca se pegam a esta, senão quando aquella lhes falta. Porém n'este particular variam as opiniões; e querem alguns que seja melhor a folha das amoreiras brancas, que das amoreiras pretas.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A VIRTUDE ANTI-RABICA DO ALHO RECONHECIDA EM 1689

No VIII dos artigos n'esta folha publicados pelo illustre e humanitario clinico o sr. dr. Antonio Ferreira Moutinho, da sua interessante collecção intitulada—*Documentos para a historia da cura da hydrophobia em Portugal*—lémos a seguinte passagem: (1)

‹Concluindo diremos:—1.º que a hydrophobia se cura em Portugal ha mais de um seculo—1789;—2.º que o seu principal agente prophylatico e curativo é o *Allium Sativum*, etc.›

Em apoio a estas asserções, vamos hoje dar noticia de um *livro velho*, onde a *cura da raiva pelo alho* se acha preconisada. E porque as circumstancias que se dão no conhecimento d'este livro e as noticias que no mesmo se encontram nos parecem curiosas e dignas de se offerecerem á attenção dos poucos que cultivam entre nós antigualhas historicas, individuaremos esta especie com o desenvolvimento compativel com a indole, e espaço d'esta folha, por essa concedido ás publicações d'esta ordem.

Entre um atado de livros antigos que ha tempos nos vieram á mão, encontrava-se um pequeno *in 4.º*, encadernado ao modo caracteristico do seculo XVII. Abrindo-o, vimos que faltava o rosto, o que foi uma decepção, sendo a primeira pagina que se nos patenteou a da *Dedicatoria* do que depois temos entendido ser o editor da obra—um Manuel Luiz da Cunha; dedicatoria offerecida ‹ *A' Virgem Santissima S. N. da Doutrina sita na Casa Professa de S. Roque.*›

O desprazer da falta que apontámos, mitigou-se um tanto pelo theor da dedicatoria. Presentimos no todo um veio a explorar, um repasto ao *vicio* de esquadrinhador de antigualhas que sincera e não contrictamente confessamos. A propria falta do rosto no livro de que se trata, bem considerado tudo, era já por si antes um attractivo do que uma contrariedade. Era um *entretem* em perspectiva. Procurar decifrar *sphynges* d'esta ordem é o maior prazer, a mais intima paixão dos estudiosos d'esta especie.

Guardou-se o caso para melhor occasião que não chegou ainda, pois que não se poude encontrar ainda com a *sphynge*.

Em compensação, porém, leu-se o livro, e achou-se n'elle materia que confirma o dizer do illustre clinico a quem nos temos referido.

Tendo sempre lido com interesse os artigos do sr. Ferreira Moutinho, não queremos sacrificar ao prazer de achar um nome, que será aliás facil encontrar com paciencia e tempo, est'outro prazer de dar testemunho, ampliando-as por modo tão positivo, das asseverações do distincto clinico:— a

(1) *Commercio de Portugal*, n.º 4:016—8 de dezembro de 1892.

---

107 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XII PARTE

A' PROCURA DA FORTUNA

IV

A BORDO

No dia seguinte passeava o conde de Rambla sobre a coberta da fragata *Trindade*, pensando no pobre frei Carmelo, cuja morte o havia profundamente impressionado.

Discorria o conde que a velha carteira cuja entrega lhe fôra incumbida, devia necessariamente encerrar alguma particularidade da vida do defunto missionario. Luiz teve um momento de irresistivel curiosidade; mas o seu nobre coração repelliu o desejo e disse comsigo:

— Respeitemos o deposito.

E continuando a passear, esqueceu o frade para pensar na sua familia.

As suas continuas viagens não lhe permittiam marcar com certeza um ponto para onde lhe dirigissem cartas, de fórma que a correspondencia que mantinha com sua mulher, ia primeiro á Havana, de onde Carlos Perales lhe enviava as cartas.

Passeava, pois, o conde, quando viu um bote encaminhando-se á força dos remos para o navio.

Era o capitão Thomaz de Souza.

— Bom dia, senhor conde—disse o portuguez, com o seu inesgotavel bom humor.

— Bom dia, amigo Sousa.

— Sabe, sr. D. Luiz, que não se me tirou da imaginação o frade, durante toda a noite?

— Eu estava a pensar n'elle, quando o senhor se dirigia para bordo.

— Esta manhã contei o succedido em casa do fabricante de curtidos, o Manchego, e parece que essa honrada familia sentiu muito a morte do frade, e vae abrir uma subscripção para que o corpo seja conduzido para a cidade, onde querem fazer-lhe um tumulo.

— Parece-me que os commerciantes hespanhoes estimavam muito frei Carmelo—disse o conde.

— Segundo ouvi dizer, o defunto missionario era um santo. Disseram-me que o seu corpo estava coberto de feridas. Os indios que não se convertiam atormentavam-o. Verdade, verdade, a vida de missionario não é a que mais me agradava.

— Soffrem muito. Santa e sublime tarefa a d'elles: a fé, esse poderoso motor das almas, leva os a emprehendimentos quasi temerarios.

— Diabo! Supponha o sr. conde, um homem sem outras armas que a palavra e um Christo em punho, mettido por aquellas selvas de Deus, a converter selvagens!... Oh! nem todos os que vão, voltam; mas de frei Carmelo contam grandes coisas: tinha valor e desprendimento espantosos.

Souza ignorava as revelações que frei Carmelo tinha feito a Luiz, e este, que não estava auctorisado a transmittil-as, guardou silencio.

— Decididamente, ámanhã fazemo-nos de vela?

— Assim tenciono, vamos para o golfo do Mexico.

— E depois?

— Para a Havana, e de lá, depois de vendidos os engenhos de Guanabacoa, regressaremos a Portugal.

Luiz exhalou um suspiro, lembrando-se da sua querida patria.

Pouco depois, estava no camarote, escrevendo o seguinte a sua mulher:

‹Rosa da minha alma: A felicidade só se avalia depois que a perdemos: a bellesa so sol so se aquilata quando o céo se cobre de nuvens ameaçadoras.

‹Tres annos sem te vêr! E' isto possivel? Oh! pareceme muitas vezes que esta viagem não é mais que um terrivel e duradoiro pesadelo.

‹Quantas coisas tenho para te contar! O decorrer d'uma vida inteira não bastaria.

‹Estas immensas solidões d'agua que atravesso, pensando em vós todos; estes interminaveis bosques que percorro sempre com tua imagem na mente, são testemunhas do amor que por ti sinto, amor que augmenta, que se expande, á proporção que este pobre viajante se vae afastando d'aquelles que lhe são caros.

‹Quando os meus trabalhos me dão algumas horas de repouso; quando me rodeiam os perigos e pego na penna para te escrever, agglomeram-se-me as ideias na mente com tal precipitação e affluencia, que nem posso escrevel-as.

‹Muitas vezes digo a mim mesmo: vou fallar-lhe dos meus negocios, vou dizer-lhe que tenho já certo o futuro da nossa Adelaide; mas quem falla de negocios, quem pensa em lucros quando sente palpitar um coração sedento de amor, uma alma a trasbordar ternura? Thomaz de Souza, o bom e honrado capitão da *Trindade*, é bastante condescendente e consente-me que lhe falle todos os dias em vós todos, a quem muito deseja conhecer.

‹No meio da minha desgraça, porque os não tenho a meu lado, posso considerar-me feliz, porque a sorte me deparou um companheiro de viagem que me estima como se eu fôra seu filho. Mais habituado que eu ás fadigas e rigores d'estes climas, não cessa de preseverar-me com conselhos e cuidados, o que muito é n'estas terras onde a tanto andam expostos os europeus, e tão caras se pagam as imprudencias.

‹Mas estou bom, e dando credito ás adulações do meu amigo Sousa, mais gordo do que quando entrei pela primeira vez na coberta da *Trindade*.

‹Escrevo-te esta carta, não tão extensa como as precedentes, só para te dizer que ámanhã saimos do porto de S. Francisco da California, em cujas terras passeiei seis mezes, concluindo com exito feliz os negocios do meu patrão. Não podes imaginar, querida Rosa, a satisfação que o trabalho nos dá.

‹O dinheiro nunca teve para mim o valor que tem hoje. Oh! como é agradavel trabalhar! Como se gosa de pacifico somno se temos a certeza de havermos cumprido com o nosso dever!

‹Acredita-me, minha Rosa: eu ignorava que na terra não ha felicidade senão a da satisfação do bom procedimento. No dia em que Deus quizer que eu torne a vêr a nossa familia, quando a rodeie de commodidades, quando o mais infimo objecto da minha casa seja producto do meu trabalho, a vida será para mim uma delicia eterna. Com que satisfação direi: o vestido que embelleza o corpo gentil de minha filha, ganhei-o eu com o meu trabalho: a commoda poltrona onde descança minha mulher, é tambem producto ganho por mim.

‹A fronte do homem que enriquece pelo trabalho, ergue-se serena e resplandecente do nobre orgulho da honradez. Parto para o Mexico, onde tenho de vender duas grandes fazendas, e depois passarei á Havana, pois é n'este ponto, que deixei para o fim, que termina a minho commissão.

‹As duas plantações de cana doce que devo vender em Guanabacoa, tem um pessoal de quatrocentos negros.

‹Calcula-se que estes dois estabelecimentos valem dois milhões de pezos; parece impossivel que um homem possa juntar tanto dinheiro.

‹Os nossos calculos, ou para melhor dizer, os calculos do capitão Souza, é que devemos estar em Guasaboca no tempo da colheita, pois a safra ou venda do assucar, pode este anno dar bons lucros ao nosso patrão.

‹Este negocio completará a minha fortuna, pois tenho esperança de encontrar bom com comprador, porque as plantações de Guanabacoa são muito desejadas, Além d'isto, aconselhado por pessoas intelligentes, fiz um negocio de combinação que espero me será proveitoso, confiado em que rogarás a Deus para que assim succeda.

‹Deves ter tido noticias de nosso irmão Carlos.

‹Eu recebo-as frequentemente. Elle é tão bom que deixou tudo para me não abandonar. Ah! elle conhecia que meu coração estava prestes a desfallecer, e quiz reanimal-o.

‹Quando me lembro, Rosa, que duvidei de Carlos, do homem mais generoso e mais honrado da terra...

‹Mas, emfim, elle não guarda rancor; tudo esquece, tudo perdoa.

‹Procura conseguir que a boa de Antonia não me queira mal e que D. Raymundo me encommende a Deus nas suas orações, e recebe todo o affecto, todo o amor, a alma inteira de teu esposo—*Luiz.*›

Quando concluiu esta carta, Luiz tinha os olhos cheios de lagrimas, e sobre a meza viam-se dois pequenos quadros; um com o retrato de Rosa, o outro com o de Adelaide, que o viajante beijava com enthusiasmo.

Thomaz de Souza, que sentia verdadeira amisade pelo conde, desceu ao camarote a buscal-o para o almoço.

— Ah! está escrevendo?—perguntou-lhe parando como quem receiava incommodal-o.

— Acabei, meu amigo: aqui está a assignatura.

— Bem a vejo no papel e no rosto.

Luiz sorriu-se e enxugou os olhos.

— Os homens são fracos em coisas de coração, meu caro Sausa.

— Não nego; eu sou duro como os anneis d'uma cadeia, porque sou só no mundo. Ninguem chora por mim, nem eu choro por ninguem; sou uma especie de ostra solitaria, encravada n'um barco esguio, perdido no meio d'um areal; a minha vida é monotona como o socego do Oceano, porque está isenta de dôres.

— Vamos, meu caro Sousa, não me obrigue a classifical-o de sceptico: a familia accarreta alguns desgostos, não nego; mas Deus compensa tudo: contra esses momentos negros oppõe muitas horas de dôce e consoladora luz, que illuminam a alma de alegria, que enchem o coração de felicidade.

O capitão encolheu os hombros; mas n'aquelle instante não foi franco, porque tinha inveja das lagrimas que humedeciam os olhos do seu amigo.

O conde, que advinhara o que se passava no coração de Souza, disse-lhe collocando-lhe a mão no hombro:

— Meu caro Thomaz, creia-me: quando chegar a Portugal, procure uma dôce e boa companheira com quem possa partilhar a monotonia da vida.

Sousa soltou uma gargalhada; mais entre si disse, suspirando:

— O conde tem rasão.

. . . .
. . . .

No dia seguinte, a *Trindade* largou do porto de S. Francisco da California.

(*Continua.*)

cura [illegible] meio do alho é cor[illegible] em Portugal desde o seculo XVII.

Aqui pômos pois tudo que do livro colhemos, e se alguem mais feliz do que nós acha o nome do auctor, satisfeito já ficamos de haver contribuido ao menos para a completa reivindicação das asseverações historico-scientificas do corajoso e humano clinico contemporaneo.

Como dissémos, a obra é dedicada á Senhora da Doutrina, da Casa Professa de S. Roque, e o editor, Manuel Luiz da Cunha, declara, em summa, á Virgem que por devoção se atreve a offertar-lhe este pequeno volume, «no qual se contém *Desenganos para a medicina*, para que Vós como Mestra da Sabedoria, e clementissima Senhora da Doutrina, Protectora de *nossa* Congregação, patrocineis, etc.»

E' este mesmo titulo que se lê abreviadamente na lombada do livro: —*Desengano da Medic.*

No templo de S. Roque, a capella de Nossa Senhoura da Doutrina é a primeira do lado da Epistola.

Ao tempo em que o Padre Carvalho escreveu o III tomo da sua *Corografia* (1712) tinha esta capella «huma grande e limpa Irmandade». E' egualmente conhecida a devoção do Padre Mestre Ignacio (o da *Cartilha*) por esta Senhora; devoção de que Balthazar Telles nos deixou copiosa noticia.

N'essa capella ha dois bons quadros do nosso fecundo Bento Coelho; —a *Apparição de Jesus Christo* e a *Ascensão*.

A *Dedicatoria*, imprensa na primeira pagina a seguir á do rosto, como se induz da numeração * *ij*. segue-se o «*Prologo ao Leytor*»; quatro paginas, infelizmente não assignadas, porque n'ellas é o auctor que falla.

El-Rei D. João IV, «bem informado do proveito e utilidade que ao bem commum podia resultar do conhecimento das hervas, me fez mercê da administração de huma horta no valle de Xabregas, para que n'ella plantasse todas as medicinaes hervas, aonde, como de uma real fonte, por ser horta dada por um Rey, manassem remedios para enfermidades, e em uma pequena terra se alcançasse geral noticia de todas as herva salutiferas, que a natureza produziu nas mais partes do Reyno».

E' provavel que esta horta fosse alguma dependencia da propriedade real do antigo Paço de Enxobregas, que fôra residencia de D. João III. Como quer que seja, o certo é que temos aqui uma noticia importante: a da primeira fundação da um *horto botanico*, proximo a Lisboa.

Trata o auctor de dar conta do objecto da sua obra, e declara que n'ella se faz «huma descripção das qualidades e virtude de duzentas e sessenta hervas, com o modo de usallas; e tambem de sessenta *aguas estilladas*, dando o modo e as regras da artificiosa *estillação*; com muitos segredos para varios achaques, que até agora, nem aos filhos da Arte se communicáram.»

Passa depois a estadear a utilidade da sua laboriosa compilação, e diz:

«Aqui acharão os Alveitares remedio para cavalgaduras, o caçador para os cães, o pastor para o gado, o musico para a garganta, e até as que desejam parecer formosas não terão de que queixar-se.»

Não se descuidava o auctor, quem quer que elle era, em se mostrar galante.

Vem, finalmente, o lettrado botanico a explicar a distribuição ou economia da obra.

Toda ella se distribue em dois *Desenganos*. O *Desengano* primeiro subdivide-se em tres *Canteiros*, ou descripção especificada das virtudes das hervas; o *Desengano* segundo trata da distillação das Aguas e virtudes d'estas, segundo as hervas de onde provém a distillação, subdividido em tres capitulos: *Aguas quentes*, *Aguas temperadas*, *Aguas frias*. Fecha o prologo a seguinte declaração:

« O benevolo leitor respeitará a offerta, e o animo sincero do auctor, não reparando na pouca eloquencia: porque *como Estrangeiro* não me posso declarar a gosto e satisfação de todos. *Vale.*» Seguem-se as licenças.

A primeira, «do Santo Officio», é datada de 6 de dezembro de 1689. A ultima, para correr, do mesmo tribunal, tem a data de 20 de junho de 1690. Segundo os termos d'essas licenças, trata-se de uma reimpressão. O livro que temos presente não é pois da primeira edição, e esta reimpressão levou seis mezes a licenciar!

Entra-se depois na obra pelo *Canteiro Primeiro*. D'aqui até á letra O, do *Index do nome das hervas* contam-se 344 paginas. Falta o resto. Percorramos agora esse *Index*. Ahi se aponta o *Alho* o pag. 66. Vejamos o que diz:

ALHO

«7 Allium, Diosc. lib. 2 cap. 144. E' quente no quarto grau, e secco no principio do segundo: a fortidão d'elle dana a cabeça, carrega o miollo, faz escurecer os olhos, engrossa os sentidos. Quem o comer, bem se pode ausentar huns oyto dias da conversação, e se lhe importar logo fallar com gente, mastigará folhas de Arruda, e não se sentira o máo cheiro.

«Na verdade, debaixo d'esta ruim capa estão grandiosas virtudes. Quem comer um par de dentes d'alho em jejum, está aquelle dia *seguro de peçonha*, assi do ar, como da comida e bebida. Tem particular virtude de matar á sêde, atc. O ferido de hum cão damnado, ou de huma cobra, *coma alho*, e beba vinho, *e ponha o alho pisado sobre a ferida.*» Uma inadvertencia de revisão deixou, note-se, passar «alho» por «alho». Conservamos a mesma escripta simplesmente por fidelidade de transcriptor. Do mesmo modo advertiremos que no etc., acima evitamos mencionar mais outra virtude que não importa transcrever, e porque um determinado termo que na epoca d'este livro era perfeitamente corrente em boa e decente linguagem portugueza, se acha hoje rejeitado, por contrario áquelles preceitos, o substituimos por um circumloquio, no fim do primeiro periodo transcripto.

Ainda ao alho são pelo auctor attribuidas sntre outras mais as seguintes virtudes:

«O leyte em que ferveo o alho dado ás crianças em jejum, mata as lombrigas. O alho fervido em vinagre forte, e bebido bem quente, he grande antidoto em tempo de peste. Alho queimado em cinza, e misturado com mel, ou alho pisado com sal e vinagre, *faz tornar a crescer o cabello caido*. Quem fazendo jornadas comer quatro dentes de alho com pão, andará todo dia satisfeyto de comer, nem terá muita sede, que he grande esforço para hum soldado.» O *vade-mecum* do auctor é o grego Dioscorides, e aos seis livros da sua *Materia medica* é que elle vae buscar a nomenclatura scientifica das hervas de que o seu livro é compendio.

Eis as noticias que podemos dar d'esta curiosa obra, redigida por um *Estrangeiro*, mas que provavelmente era um Jesuita, o qual teria por corrector da defeituosa linguagem o Mannel Luiz da Cunha que figura ser o editor do livro. D'elle se conclue, em summa:

1.° Que os conhecimentos da botanica, applicada á arte de curar, se fundaram exclusivamente, n'esta epoca, nas tradições da escola grega, cujo chefe venerado era o celebre Dioscorides.

2.° Que o auctor da obra foi um estrangeiro a quem veio a tocar o ser o primeiro organisador de um *horto botanico* ás abas de Lisboa.

3.° Que, sendo o livro de que se tem dado noticia reimpresso de uma primeira edição, provavelmente mais visinha do começo do meiado do seculo XVII, se póde entender que o conhecimento da *cura da hydrophobia pelo alho* era corrente em Portugal, ao menos a partir da segunda metade do seculo sobredito.

COMMUNICADOS

FISCALISAÇÃO DO REAL D'AGUA NO CONCELHO D'AVEIRO

São tantas as arbitrariedades que n'este concelho se estão praticando com a fiscalisação d'este imposto, que se não podem descrever.

Veio para ahi um sargento encarregado d'esta fiscalisação, que está pedindo um severo correctivo, por parte das auctoridades superiores respectivas. O concelho está geralmente indignado pela forma por que se faz tal fiscalisação.

O tal sargento, acompanhado de 4 ou 5 guardas, entra nos estabelecimentos com uma arrogancia despropositada, julgando que todos os lojistas ou taberneiros não sabem o que é fiscalisação de impostos ou o que são empregados que trazem espadagão á cinta. Este sargento, nas inspecções que faz aos estabelecimentos, pretende passar a todos os cantos dos mesmos, até desgraçadamente chega a devassar as camas dos donos d'elles, aonde essa inspecção se não póde fazer, não por que muitas vezes alli não se encontre contrabando, e muitas vezes de finissima qualidade, mas é certo que esse contrabando é isento por leis especiaes do imposto do real d'agua, por já o ter pago.

Varejos tem elle feito a estabelecimentos que nós temos presenciado, e que nos repugna á consciencia ver o que elle faz. Se entende que todos os generos existentes no estabelecimento estão devidamente manifestados, pergunta ao dono da casa: «Você não cozinha e não tempéra a comida com toucinho?» Respondem-lhe: «pois com que é que eu heide temperar a sopa, hade ser com sebo?» Então diz elle: «aonde tem v. o toucinho»; algum de menos conhecimentos lá vae mostrar a caixa aonde muitas vezes apenas tem dois ou tres kilos que tem comprado na praça, e que alli tem pago o imposto, e elle responde: «está apprehendido, porque você não tem manifesto e a sua casa é um estabelecimento de venda, tem de pagar o imposto e a multa, e é se quer ao bem, porque não querendo estes processos agora vão ser julgados no Porto e você gasta 50$000 réis e vae para a cadeia 20 dias.» Quando é questão de vinho principia com medições á vazilha por um methodo que só elle entende, e diz: «você tem manifestado 600 litros e a pipa leva cá pela minha medida 620, porisso apprehendo o vinho, em quanto você não vae manifestar o excesso e pagar a multa.» E lá vae o pobre diabo do contribuinte pagar por não querer que o seu nome figure n'um processo que tem de ser julgado no Porto, como dizem os taes fiscaes.

Isto é absurdo, e para estes abusos pedimos energicas providencias ás auctoridades superiores, para evitar algum conflicto grave que se possa dar com taes arbitrariedades.

Sobre o assumpto fallaremos mais largamente n'um dos proximos numeros. *N.*

Mamarrosa 11 de abril de 1893.

Sr. redactor do *Campeão das Provincias*.—Fiado na honradez, imparcialidade e longa pratica jornalistica de v., espero me conceda no seu conceituado *Campeão* algumas linhas para desaffrontar a minha honra ultrajada ahi n'um papelucho a que não ligo a minima importancia. Ao redactor d'esse papel que se chama *Districto de Aveiro*, simplesmente direi, que seria melhor callar-se e não se intrometter em questões puramente particulares, insultando um individuo que não conhece e mostrando a sua opinião antecipada ácerca d'um assumpto de que não conhece ainda toda a verdade e que está affecto ao tribunal da consciencia publica. E' praxe estabelecida na imprensa deixar correr estas questões serenamente, sem insultos nem doestos, que nunca penetram a couraça invulneravel da honra e da razão.

A carta que meu irmão assignou e que vem publicada n'aquelle papel não tem a minima importancia em face do documento que incluso remetto e que peço a v., sr. redactor, transcreva em seguida a esta, porque elle prova á evidencia a verdade dos factos que outros tentam deturpar.

Meu irmão quasi que não tem responsabilidade por aquillo que lhe mandaram assignar: d'um espirito fraco, flexivel como o vime, não formando opinião sua ácerca das coisas, guiando-se pelas impressões de outros, não admira que assignasse aquella carta, que em face da verdade o desacredita. A verdade é como a doutrina de Christo que, embora combatida em toda a parte, apparece resplandecente e muitas vezes acceite pelos proprios que a querem negar.

Quanto ás insinuações do sr. Mello Guimarães, devolvo-as intactas, porque não costumo discutir as questões com insultos; estes, indo de encontro á razão, são como a rã que, embora divague pelo campo, sempre tende a voltar ao pantano onde passou pelas suas differentes metamorphoses e onde é seu coito habitual.

E visto que s. ex.ª foi tocar nas cinzas houradas de meu chorado pae, que tinha obrigação de respeitar, por que sempre zelou honradissimamente (e s. ex.ª que o diga) os interesses de sua casa na extensa área desde Aveiro até Coimbra e do littoral até ás altas serranias, sempre lhe direi, sr. Mello Guimarães, que se este era o motivo para eu me callar, o mesmo era para v. ex.ª, porque se minha familia tem recebido favores de v. ex.ª, não menos os tem retribuido, o que se prova por uma dedicação e relações que datam de 50 annos. Isto não deveria vir a publico, mas foi v. ex.ª que foi buscar aquellas para mim sagradas cinzas, para se servir com ellas como arma de defeza.

Não menos diplomacia desenvolveu v. ex.ª servindo se de meu irmão para atacar um irmão, obrigando-o para isso a faltar redondamente á verdade. Pois não está provado á evidencia que da adega do sr. Pedreiras sahiram 219 almudes de vinho em vez de 129? Meu irmão mesmo foi o primeiro que deu pelo engano, como provo pela carta do sr. Pedreiras, sendo elle proprio que me acompanhou a Aveiro quando recebi do sr. Mello Guimarães a celebre resposta: »Quem negoceia não guarda cabras», resposta que é uma confissão espontanea de que reconheceu o engano.

Na propria carta de meu irmão se embrulham os pés pelas mãos, ora dizendo-se que o sr. Mello Guimarães nada tem com o engano, ora dizendo-se que não o houve.

Pergunta-se que interferencia teve o sr. Mello Guimarães n'este negocio, dada a respeitabilidade da casa Santos Lima & C.ª, de Lisboa, para onde meu irmão despachou o vinho. Pois não compra s. ex.ª vinho sob sua responsabilidade para aquella casa? Não é s. ex.ª que está em correspondencia directa com aquella casa? Quereria s. ex.ª que me dirigisse ao sr. Santos Lima? Nada tenho com aquelle sr., que tenho obrigação de respeitar, por isso que o não conheço.

Em presença da verdade bem palpavel, pergunto a meu irmão e ao sr. Mello Guimarães, para onde foi parte do vinho (90 almudes) que evidentemente saiu da adega do sr. Pedreiras, e que eu paguei do meu bolso, embora d'isso não tivesse obrigação?

Feita esta pergunta, fica a questão reduzida aos seus verdadeiros termos.

Desculpe-me, sr. redactor, o occupar-lhe tanto espaço e digne-se acceitar os protestos de estima e consideração do De v. etc.

José Joaquim Pires.

Segue a carta do sr. Pedreiras:

—

Mamarrosa 11 de abril de 1893.

Amigo Pires.—Respondendo á sua carta ácerca do vinho que me comprou o anno passado seu mano Joaquim, sou a dizer-lhe o seguinte, que póde ser confirmado por dezenas de pessoas d'esta localidade.

Relativamente ao numero de cascos que se encheram na minha adega foram 6, levando o 1.° 37 almudes, o 2.° 34, o 3.° 36, o 4.° 35, o 5.° 35, e o 6.° 30 e mais 12 almudes n'um outro que já trazia vinho da adega do sr. Gaudencio Ferreira, o que faz a totalidade de 219 almudes.

Algum tempo depois da tirada, encontrando eu seu mano Joaquim a visitar uma propriedade, perguntei-lhe se já me poderia pagar o vinho ou dar algum dinheiro á conta, vindo então a descobrir-se o engano, que seu proprio mano verificou ser verdadeiro, pois hem sabia quantos cascos tinham sahido cheios da minha adega.

Transportaram o vinho d'aqui para a estação de Mogofores os srs. Manuel Ferreira, Manuel Domingos, Antonio Capucho, José da Silva da Manca e Manuel de Oliveira das Neves, levando este ultimo dois carros. Todos elles estão vivos e podem dizer a verdade a tal respeito.

Como me diz que esta serve para resalvar a sua honra compromettida por um quidam, auctoriso-o a fazer d'esta o uso que quizer, na certeza de que estou sempre prompto para o defender n'esta questão em que o meu amigo obrou com honradez como poucos. Creia sempre na sinceridade do

Seu am.° obrg.°

Manuel Francisco Pedreiras.

SECÇÃO AGRICOLA

ANTHRACNOSE

Preparada a terra com boa surriba, e bem estrumada se não tiver tido tres ou quatro annos de descanço depois de arrancada a vinha velha, procede-se á plantação. Os melhores bacellos são aquelles que se colhem da cêpa á medida que se mettem na terra, cortando os das varas do ultimo anno; mas como isto é impossivel quando se trata de replantar vinha americana, porque os proprietarios não estão prevenidos com plantio sufficiente, recommendamos um preparo muito conveniente a esses bacellos que vem a ser, mergulhal-os em agua pela extremidade inferior durante vinte e quatro horas, findas as quaes se retiram para serem abacelladas em terra fresca, mas não muito humida. As estacas assim tratadas tornaram-se accessiveis á acção dos fluidos aquosos e podem ser conservadas em bom estado até ao momento da plantação. Muitos dos bacellos que veem do estrangeiro ou ainda de pontos distantes do paiz chegam ao seu destino com apparencia de seccos; para estes é indispensavel o referido preparo. O tratamento preventivo contra a anthracnose tem agora toda a opportunidade. Recommendamos aos viticultores que de nenhum modo deixem de effectual-o nas vinhas que costumam soffrer estragos d'esta doença. Faz-se de 8 a 15 dias antes da rebentação das videiras, correndo todas as varas de um a dois annos com a seguinte solução. Em 50 kilos de sulfato de ferro, nos quaes se vae lançando a pouco e pouco 1 litro de acido sulfurico a 53 graus, deitam-se 100 litros de agua quente. Depois de dissolvido o sal de ferro, e quando fria a solução, applica-se com um pincel feito de trapos. Tambem se recommenda muito o seguinte: dissolvam-se de uma parte 10 kilogrammas de sulfato de cobre em 80 litros de agua quente; de outra parte faz-se um leite de cal com 8 kilogrammas de cal em 20 litros de agua; depois de fria aquella solução cuprica, misturam-se as duas, applicando se como a precedente.

SECÇÃO LITTERARIA

AS ANDORINHAS

Vae um santo silencio por essa aldeia adiante. Desde o adro da egreja até aos ultimos restolhos do campo, por sobre os tectos das casas e a rama das oliveiras, mal bole o proprio ar—tão pacifica é a tarde e tão serena, esta dôce tarde de Março, clara, desnublada, com o sol a explosir a rubro na religião longinqua do ceu...

Na *Fontainha* as aguadeiras em risota dizem coisas alegres, assoando-se aos aventaes e lavando as pernas no tanque do chafariz, n'uma communicativa alegria que prende o olhar d'um sapateiro que vae caminhando de casa a repousar de todo um dia de trabalho ás voltas com a sovella e o furador...

O sr. boticario, de barriga panda de sedentario; alinha-se com as hombreiras do portado da botica, charuto em chaminé, a mão na corrente do relogio, assim n'um meio ar de enfastiado, a ver o que passa—os gericos á fonte carregados de angarelas e o doutor Alfredo a exhibir pedantemente uma camelia na botoeira. E a menina Clarice entre vidros... e o doutor a puxar-se á fieira... e os olhares dos dois a darem nó cego no ar... A eterna malidicencia do sr. boticario!

Bateram as *Ave-Marias*, e nós estamos a ver o sineiro que as bateu, um sineiro antigo, desbarbado como um ostiario, esguio typo de organista-monge; e todo elle encaprichado em rallentar as badaladas para ter o supremo goso de ver os fieis cá pelo adro e pelas lojas visinhas, de chapeu na mão, contrictos, a dizerem orações, á espera de que o raio do sineiro acabe lá com aquella musica... E o sineiro baixo ... *dom*; e o sinero a rir a rir... *dom*.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo...

— Para sempre seja louvado...

E o dia vae recolher-se monasticamente na dôce pacificação das coisas que sonham, dormindo, sonhos de azulje oiro em dispersas paisagens diafanas, com arvore que são só flores, e mulheres que são só noivas... Vão cerrar-se as portas tranquillamente; e d'aqui a nada, quando tudo adormecer a poz a ceia calma da cabeça da sardinha em fatia de pão, só, ao longe, nos lameiros da levada, se ouvirá tristemente, o coaxar monotono das rãs, n'um persistente *coá-coá* melancholico, em que se adivinha uma larga bocca de batrachio a querer seu bico de rouxinol...

E o dia, e o sol, e as flores, tudo tombou no burel escuro da noite, que é como a sombra do cypreste que vae de muro a muro do cemiterio inundando campas de negro... Desde as pombas ás creanças, não ha pennas que vôem, nem risos que brinquem n'este silencio doce da noite sem estrellas, onde a lua que apparecesse seria a lampada do peregrino a caminhar serena sobre as azas d'um anjo. De raro em raro, é cortado este santo silencio da noite pelo assobio alegre do garoto que vae comprar petroleo, do carro de bois que vem tarde dos caminhos de Alcongosta, do rufo da philarmonica que chama para o ensaio, e d'um ou d'outro vago murmurar de rego de agua que vae do chafariz ao lameiro, lambendo os portaes das casas, submissamente, escravo, aos trambulhões pelas pedras da calçada abaixo...

Nas fainas agrestes da poda, com o sol quente a dardejar, e as costas em arco á busca do tronco da parra, o jornaleiro passou o seu dia de trabalho, entre um cigarro do seu bolso e outro que o amo lhe deu, sem que nada durante o seu labor o distraisse da tarefa que lhe devia de dar o jornal da sua féria, o pão da sua familia, a ventura do ssu casal...

— Leva a diante mais aquelle leirão até tocar na vinha nova—disséra o Roque com a sua carapuça azul a cobrir-lhe a calva e a sua podôa pendente da presilha das calças, atraz, por debaixo da faixa preta d'algodão franjada.

— Eh! rapazes!

E todos, durante a tarde, se esforçaram por alcançar o leirão que o Roque dizia, trabalhando afadigadamente, mal, murmurando da vida dos outros, sempre acurvados sobre o pé das vides, que, depois de podadas, se ficavam chorando de rica seiva ainda—ellas, as tristes predestinadas do bicho que vae ser o seu coveiro descaroavel de norte a sul.

— Vamos ao menos a um pucaro d'agua, com trinta diabos!—dissera um, lá pelas cinco da tarde, quando lhe quiz parecer que a noite vinha tardando.

— E' triste sina, camaradas! Beber agua no serviço das vinhas...

— Ora, ora. Em casa de ferreiro espeto de pau, é bem certo.

— E ainda vamos lá, que o espeto não è de pedra...

E o pucaro foi de mão a mão, como uma taca de raro licor, trocada entre silenos n'uma festa panteista d'um umbroso bosque antigo, sob a copa mansa de gigantes carvalheiras em docel. E, emquanto na rudeza do trabalho, os rudes jornaleiros iam no labor da poda contando moeda a moeda os vintens do seu jornal, uns minguados oito vintens que tanto filho engordam e tanta alegria fazem sob o tecto do casal pobre—em pleno ar, á hora em que o sol tomba em chamas para além, nos covões alpestres da Barroca, as alegres andorinhas n'um tranquillo voar em que as azas mal remam, tinham chegado á aldeia, ellas, as doidas viageiras das longes terras, postilhões da boa nova das flôres e dos fructos...

Pela aldeia, onde os principes chegam entre festivaes acclamações de musica e fogo preso, onde ainda hontem a ordem de S. Francisco trouxe á rua em procissão de Cinza toda uma galeria de santos que se modelam pelo typo da minha cosinheira, e onde um bacharel-tortulho cofia bigodes loiros e prepara eleições entre um cigarro *chic* e um *bouquet* de violetas, ninguem viu chegar aos torreões da egreja as santas mensageiras das boas primaveras, essas doidas almas errantes de princezas, que trazem nas pennas petalas de rosa e no bico corôas de arminho... No seu doido voar de tecto a tecto, de quinteiro a quinteiro, ninguem quiz reparar na sollicitude com que as suas azas pandas as levam rapidas aos seus velhos ninhos, acaçapados sob os beiraes, e sobre que o inverno trovejou as suas tempestades mais negras, chicoteou as suas enxurradas mais damninhas... O jornaleiro fez-se na sua poda durante todo o dia; os annos, ricos, ficaram-se na somnolencia regalada de café do jantar... E só os pequenos, os garotos, as creanças, de gasganete ao ar, se esqueceram de que a noite vinha já monte abaixo para se pôrem a olhar as alegres andorinhas que andavam tacteando como que terra de estrangeiros n'um incerto redopio de vôo, sem a constancia ainda d'aquelle voar tranquillo que só a longa posse dá. E era de vel-os, alli pelo adro, nas quelhas, em plena quinta, como elles se quedavam curiosos, alegres como ellas, a verem essa coisa nova do anno novo, como o jardineiro que se queda diante do botão, que vae abrir! E quando um parava, outro logo vinha quedar-se junto d'elle poisando o cestito das couves nos relvados dos caminhos, e ficava se nos olhares do outro a olhar tambem—as faces alumiadas d'um sorriso grande, a carapuça caida, a bocca aberta...

E' que a alma da crença, longe ainda da dureza do trabalho onde a hoara cresce a cada euxadada que se dá, só vê no ceu da sua vida, entre flores, essa outra alma errante, tão alegre e tão sã, que é como gemea da sua, filha do mesmo ramo de roseira, dormida no mesmo berço feliz, almentada no mesmo seio... E, emquanto o trabalhador cansa nas geiras e o patrão apodrece nos estofos, a creança rica ou pobre não vê cardos nem venturas, senão no singelo quadro de toda a natureza, claro, fresco, suavissimo, onde as linhas são ramos a quebrarem de ninhos e as cambiante de côr são feitas de folhas de jacintho e azas de pintasilgos...

Sobre todo este sonhar dulcissimo, as andorinhas são d'ellas, das creanças, que teem a alma bastante ingenua ainda para entenderem o seu voar, ouvirem o seu cantar, conhecerem os seus amores... Uma a uma, rapidas pelo ar, as andorinhas passam, rajando de preto a face calma do Ceu. E o Joãosito Torrado, todo elle joelhos rotos e fralda de fóra, a olhar para o ar, embebe-se na contemplação das alegres andorinhas, que, descendo ás vezes até perto d'elle, quererem beijar-lhe o nariz com a ponta da aza... E o Torrado, n'uma concentração que não se apprehende bem, procura estender-se atraz do cruzeiro, colloca-se ás escadas, pega da carapuça; e, quando uma andorinha mais atrevida passa furtivamente, mesmo *rèz-vez* á cabeça d'elle, o garoto apruma-se e... *zás*!

— Alma damnada!

E arremessa-lhe a carapuça.

Entretanto a andorinha voou, voou sempre, mais alegremente ainda, porque devia ter comprehendido que o grito e o gesto do Torrado não foram só uma traição. Foram tambem um cumprimento de velho amigo...

3—3.°—93.

Adolpho Portella.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

CAIXEIRO

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

estipuladas em qualquer contracto, é *ex vi* das leis obrigado a cumprir, o que não acontece com a nação, ou com o governo que a representa, por isso que contra este seriam inuteis todos os esforços dos credores particulares, *quando nacionaes*.

Sendo identica a natureza do credito, tractaremos conjunctamente de um e outro; e sem preferencia ou distincção, diremos o que pensamos sobre o modo, como entre nós se tem usado d'este recurso.

O descobrimento do novo mundo, franqueando-nos a posse das ricas minas do ouro e da prata da America, habilitou-nos, como por encanto, para dispôr de uma grande quantidade de metaes preciosos.

A repentina opulencia, a que fomos elevados, fez com que, tomando a causa pelo effeito, cahissemos no erro de julgar, que o ouro e a prata eram a riqueza por essencia.

Esta prosperidade ficticia foi a fonte d'onde dimanaram as mais terriveis e perniciosas doutrinas, pois que lhe devemos o primeiro abandono de todas as industrias.

Os navios que annualmente nos conduziam barras de ouro e de prata, e que por isso nos facilitavam meios para os gosos da vida, fizeram acreditar geralmente na existencia de uma riqueza, que apenas era transitoria.

Governos imprevidentes, em que figurgararam homens ambiciosos e avaros, adormecidos com os prazeres do momento, esqueceram-se do futuro, e repartindo com mão larga as gordas sobras de suas opulentas riquezas, crearam por esta fórma certas necessidades até então de luxo, tornando-se depois ordinarias e indispensaveis.

Aquella riqueza era, como já dissemos, transitoria, e por isso, privados das cordilheiras do novo mundo, ficamos de repente sem ouro, e sem prata; e o que é mais, sem industria; mas nem por isso perdemos os habitos, a que nos tinhamos acostumado.

As guerras civiz—a bancarrota parcial de 1833—e finalmente o estado d'incerteza, em que por tanto tempo vivemos, afugentaram da circulação os poucos metaes preciosos, que ainda possuiamos.

Mas n'essa época tinhamos contrahido obrigações as mais sagradas—tinhamos de satisfazer despezas indispensaveis, e então recorreu-se ao credito; e por muito felizes se deviam considerar os que, recorrendo a elle em occasião tão critica, podessem de ahi tirar favoravel partido.

Não tinhamos na circulação metaes preciosos, e todavia a immensa porção de bens, que se tinham tornado nacionaes, e o preço rasoavel, a que a sua venda devia effectuar-se, podia muito bem tomar-se como base de um credito bastante solido.

A prudencia, senão a necessidade, aconselhavam, que não devia abusar-se, e que muito convinha edificar com firmeza o edificio das finanças; porém infelizmente aconteceu o contrario.

Já hoje ninguem ignora, que os emprestimos do anno de 1835 seriam vantajosos em razão do preço a que se obtiveram, uma vez que o seu resultado fosse productivo; mas já que assim não aconteceu, não aggravaremos agora recordações, que nos devem ser sempre dolorosas, e lançando um veo sobre essa época, tractaremos só da presente.

Quando os homens de fevereiro de 1842 se encarregaram dos negocios publicos, sahiamos de uma bancarrota, que, com quanto fôsse parcial, nem por isso deixava de ressentir-se, quando não de immoralidade, pelo menos de muito pouca reflexão, e por isso os fundos publicos, ainda os mais acreditados, tinham bem pouco valor. Ainda assim os pagamentos estavam em dia, e os rendimentos publicos quasi desembaraçados.

A mais severa economia, o austero systema de justiça, eram os unicos elementos, que podiam introduzir a ordem e regularidade no artigo *finanças*; mas em logar d'essa ordem, appareceu o luxo, e por consequencia o systema dos emprestimos, e dos seus excessivos lucros; e tão excessivos eram elles, que os proprios mutuantes por vezes duvidaram do seu reembolso.

Os ministros foram accusados de procurar um valor imaginario aos fundos publicos, e bem longe de se defende-

senlace d'esta crise financeira foi a espantosa bancarrota, que precipitou na miseria a todos os incautos colhidos na rede de similhante especulação.

Mas *João Law*, que tão excessivamente havia abusado do credito, e que, durante seis annos, tinha exhaurido da França o ouro e a prata, foi obrigado a abandonar aquelle paiz.

Callone, ministro de Luiz XVI, que com o seu systema de credito, foi talvez o derradeiro macadamisador da estrada, que levou a França á sua espantosa revolução; esse celebre financeiro, digo, atacado por todos os lados, procurou refugiar-se na sua famosa assembléa dos Notaveis; porém, nem ahi mesmo o seu systema foi recebido, e o homem, que tinha o favor de uma côrte corrompida, a quem tinha lisongeado com festas e profusões, assim mesmo foi obrigado a retirar.

Nos nossos dias, e ainda ha bem pouco tempo, vimos o que se passou nos Estados Unidos da America, e os tristes resultados, a que aquelle paiz se viu exposto pelo abuso do credito; mas tambem vimos que se tomaram providencias para pôr um dique a tantas desgraças.

Todos estes factos e muitos outros, que omittimos, não foram sufficientes para lembrar aos nossos legisladores, quanto era indispensavel tomar medidas a tal respeito; mas ainda assim, entenda-se bem, que nos não espantamos de similhante procedimento, e que só o contrario nos faria maravilhar.

Quando o interesse da maioria dos parlamentos está ligado com a propriedade, as suas medidas financeiras são sempre calculadas de fórma, que o equilibrio social se sustente; mas quando, pelo contrario, os interesses da propriedade estão distantes das maiorias, estas nem ao menos querem dar se ao trabalho de explicar o seu proceder; e todas as vezes que tal succede, tambem se tem observado que ainda os mais ruinosos systemas, não só deixam de ser stigmatisados, mas antes são vivamente applaudidos.

Mostra-se pela experiencia, que o ficticio valor do credito, quando empregado sem se attender ás circumstancias especiaes de um paiz, é abuso, donde sempre se teem origina-

quem por tal motivo incumbe vigiar pelos destinos das nações, cumpra-lhes averiguar até que ponto será conveniente adoptar-se o uso do credito.

E' verdade, que assim como toda a sociedade adiantada em civilisação, prefere os caminhos de ferro ás mais bem construidas estradas do *Mac-Adan*, e as carroagens de vapor ás diligencias ordinarias, porque d'esta fórma satisfaz melhor ás suas precisões; tambem as necessidades da mais facil circulação de riqueza reclamam que a substituição do credito auxilie as especies monetarias.

Póde dizer-se, que esta doutrina é corrente, e como tal abraçada por muitos economistas; mas ainda assim convem examinar, como deve applicar-se aos differentes povos em que a sociedade está dividida.

O credito é a confiança que os homens mutuamente se inspiram, e em virtude da qual podem obter para o seu commercio certa quantia de valores, sem que de prompto se lhes exija a somma equivalente; e por isso os partidistas exagerados do systema de crediso sustentam —«que elle multiplica os capitaes—que, substituindo por papeis a maior parte do ouro e da prata, habilita o paiz para converter uma grande porção d'aquelle fundo morto em um capital productivo, creando d'esta fórma valores, que não sejam estereis para as nações.»

A experiencia tem mostrado, que os homens fascinados pela belleza de similhante theoria, e abusando mais do que devem do auxilio do credito, teem por mais de uma vez dado causa a espantosas bancarrotas; e por isso os antagonistas do systema sustentam — «que a substituição da moeda metalica contem graves inconvenientes, já inundando o mercado de uma moeda ideal, como são os papeis em circulação, excluindo assim o numerario das transacções mercantis; e já fazendo com que as permutas se verifiquem entre objectos de valôr real, por outros que nenhum teem. Por tudo isto conclue-se—que este objecto de permutas não é natural, porém que ainda póde sustentar-se, em quanto a confiança alimentar a riqueza ficticia no mesmo nivel que a verdadeira; mas se o credito se debilitar, os possuidores da riqueza representativa

SEMENTES DE HORTA

JARDIM, PASTOS PARA GADOS, ETC.

CASA FREDERICO DAUPIAS

35, 1.º RUA NOVA DO CARMO, 35 1.º

LISBOA

ESTA casa, a primeira do paiz, conserva um deposito permanente e completo de todas as variedades de sementes das melhores proveniencias estrangeiras e que melhor se adaptam ao nosso clima, o que se acha bem reconhecido por experiencia propria, e amplamente comprovado pelo favor sempre crescente do publico. Mais uma vez se recommenda aos amadores, proprietarios e lavradores pela certeza que offerece de encontrarem todo o anno sementes novas, garantidas, de absoluta confiança e sem competencia.

RAINHAS MARGARIDAS

OU

MALMEQUERES DA SECIA

Estas bonitas flôres apparecem geralmente de *julho* a *setembro*. Desnecessario é dizer que são uma das mais bellas ornamentações dos jardins, já pela sua immensa variedade de feitios e côres, já pela maneira como se prestam para a composição de açafates e massiços, apresentando os mais diversos coloridos. Sendo a sementeira feita por variedades, obtem-se contrastes do mais lindo effeito. Estas flôres prestam-se tambem muito para a cultura em vasos.

Semeam-se de *fevereiro* até *maio*. E' indispensavel transplantar a planta, uma ou duas vezes, em terreno substancial e bem preparado, e a exposição arejada, para obter o tamanho de flôr e belleza de coloridos de que é susceptivel. Depois de transplantada para o logar definitivo, deve rodear-se-lhe os pés com palhuça (esterco tal como sahe da cavallariça) e regal-a copiosamente, logo que começam a apparecer os botões. Tomar cuidado em não a transplantar quando ella está prestes a florescer, porque já não daria tão bonitas flôres.

Offerecem-se as seguintes variedades:

Rainha Margarida—Anã, flôr de chrysantheme.—Branca, muito bonita.—Pacote 100 réis.

Rainha Margarida—Anã, flôr de chrysantheme.—Em mistura de côres.—Pacote 100 réis.

Côr de carne, côr de rosa, rosa e branco, carmesim, carmesim e branco; rosa tom de tijolo, escarlate vivo, côr de vinho, lilaz, lilaz carmesim e branco, azul claro, azul claro e branco.

Rainha Margarida—Anã Pyramidal, à bouquets.—Em mistura de côres.—Pacote 100 réis.

Branco, branco e carmesim, flôr de pecegueiro, côr de rosa, côr de rosa escuro, carmesim, carmesim e branco, encarnado côr de sangue escuro, encarnado côr de sangue escuro e branco, purpura, purpura e branco, purpura violeta, purpura violeta e branco, azul claro, azul escuro e branco.

Eis as côres que apresentam estas lindas variedades em mistura, que tambem existem igualmente nas seguintes:

Anã flôr de Peonia.—Em mistura de côres.—Pacote 100 réis.

Anã Victoria, Pyramidal.—Em mistura de côres. A mais bonita raça anã. E' excellente para vasos, e tambem muito propria para bordaduras de canteiros e açafates, assim como todas as raças anãs.—Pacote 150 réis.

Muito anãs.—Em mistura de côres.—Pacote 150 réis.

Victoria.—Altura 40 a 45 centimos, em mistura de côres. Flôres muito grandes. Pacote 150 réis.

Victoria das Agulhas.—Em mistura de côres. Pacote 150 réis.

Flôres de Peonia Perfeição.—Côr branca.—Pacote 100 réis.

Flôres de Peonia Perfeição, raça Truffaut.—Em mistura de côres. Pacote 100 réis.

Flôres em feitio de globo.—Altura 35 a 40 centimetros. Em mistura de côres. Flôres grandes.—Pacote 100 réis.

Flôres de rosa.—Côr branca. Soberba variedade. Flôres grandes.—Pacote 100 réis.

Flôres de rosa.—Em mistura de côres. Flôres muito grandes. São de uma grande belleza.—Pacote 100 réis.

Imbricada Pompon, raça Truffaut.—Em mistura de côres. *Excellente para ramos.*—Pacote 100 réis.

Coroada, centro branco.—Esta variedade apresenta sempre duas côres: a branca no centro e a outra em circulo. Pacote 100 réis.—Côr de rosa, carmesim escuro, encarnado lilaz, azul claro, violeta, castanho violeta.

Alta de Bettéridge (melhorada de Reid)—Em mistura de côres. Pacote 100 réis.

Alta, ou da *China*.—Em mistura de côres. Pacote 100 réis.

De Boltz—Muito anã, *á bouquets*. Em mistura de côres. Linda raça para vasos, massiços e bordaduras. Pacote 100 réis.

Bola, ou *Bijou*.—Novidade.—Côr de rosa e branca. Muito bonita variedade. A delicadeza de seu colorido e o seu lindo feitio tem proporcionado um acolhimento extraordinario a esta nova raça. Pacote 250 réis.

Todas estas variedades vendem-se em bonitos *sachets* ou pacotes, com magnificos desenhos chromos-lithographados, mostrando a flôr com os seus coloridos d'um lado e do outro lado mostra a planta coberta de flôres, tambem com os seus coloridos naturaes. Todos os pacotes trazem impressa no verso ou na frente, a firma da casa—*Frederico Daupias*.

CHRYSANTHEMES DO JAPÃO E DA INDIA

(VIVAZES)

Chrysantheme do Japão.—(*Vivaz*).—Em variedade de côres, e tão apreciado em todas as exposições no estrangeiro.—Pacote 300 réis.

Chrysantheme da India, flôr de peonia.—(*Vivaz*).—Em variedade de côres, e de uma belleza extraordinaria—Pacote 300 réis.

Chrysantheme da India.—(*Vivaz*).—Flôres grandes e médias, em mistura de côres, e de uma grande belleza.—Pacote 300 réis.

Chrysantheme da India, Pompon.—(*Vivaz*).—Lindas pequenas flôres de todas as côres e do mais bonito effeito.—Pacote 300 réis.

Todas estas variedades servem tambem para serem cultivadas em vasos.

Semeam-se de fevereiro a agosto.

Lindas flôres para vasos:

Margaridas.—(*Vivazes*).—Bonitas plantas para vasos e bordaduras, produzindo um effeito muito agradavel com as suas lindas flôres dobradas, brancas, encarnadas, côr de rosa, *panachées*.—Pacote 100 réis.

Margaridas dobradas.—(*Vivazes*).—Todas *brancas* com o *coração encarnado*. Variedade muito bonita e delicada e de um effeito extraordinario, podendo servir para vasos, bordaduras, açafates, tapetes, etc.—Pacotes 300 réis.

Semeam-se na primavera e no outomno.

OFFERECEM-SE SEMENTES DAS SEGUINTES VARIEDADES DE CRAVOS:

CRAVO FLAMENGO GERMANIA.—Novidade.—Variedade de 1.ª ordem, produzindo lindas flôres COR DE CANARIO dobradas, d'um tamanho extraordinario e d'uma grande perfeição de forma. E', sem contestação alguma, o mais bello cravo flamengo AMARELLO PURO, que tem apparecido até hoje. Não produz quasi semente alguma. Pacote colorido com 10 sementes, 500 réis.

CRAVOS FLAMENGOS.—Em soberba mistura de côres.—Pacote 400 réis.

CRAVOS REMONTANTES (isto é, de todo o anno).—Dobrados.—Em soberba mistura de côres.—Pacote 400 réis.

CRAVO REMONTANTE MARGUERITE.—Novidade.—(Não confundir com outro cravo já conhecido com este nome).—O apparecimento d'esta nova raça tem causado uma verdadeira sensação. A sementeira produz UMA PROPORÇÃO DE 80 POR CENTO DE FLORES DOBRADAS, facto já muito notavel. Porém, o mais notavel ainda d'esta variedade é que as plantas, vindas de semente, começam a encher-se de flôres d'uma granda belleza e d'um cheiro muito suave, desde o 4.º mez da sementeira. Por conseguinte, semeando esta raça, por exemplo, em fevereiro, e continuando outras sementeiras nos mezes seguintes, teem-se abundantes e lindos cravos todo o anno. Desnecessario é insistir sobre as grandes vantagens d'esta nova variedade.—Pacotes coloridos a 100, 150 e 500 réis.

CRAVO DOBRADO DOS FLORISTAS.—DE VIENNA D'AUSTRIA.—Temporão.—Esta variedade, d'um porte bastante compacto e ramificado, produs flôres dobradas n'uma maior proporção do que os cravos dos floristas communs. São tambem de mais precocidade no florescer. Muito bonita variedade.—Pacote 250 réis.

CRAVO FANTASIA.—E' uma linda variedade muito florifera, de flôres geralmente muito dobradas, algumas vezes mais dobradas ainda do que os cravos flamengos, bem feitas, apresentando desenhos especiaes e um conjuncto de côres de grande originalidade.—Pacote 500 réis.

CRAVO DOBRADO, de fundo branco, ou cravos inglezes.—Apresentam um conjuncto de coloridos indiscriptiveis: uns com lindas oriaduras, outros raiados em muitas côres, outros salpicados de pintas côr de rosa, cereja, carmezim, côr de tijolo, violeta, etc.—Pacote 500 réis.

CRAVO DOBRADO, de fundo amarello.—Apresenta o mesmo feitio de desenho que a variedade acima, com a differença que o fundo é amarello em vez de branco. E' d'um effeito egualmente encantador.—Pacote 500 réis.

CRAVO DOBRADO GRENADIN.—Raça muito temporã e florifera. Produz 60 a 70 por cento de plantas anãs, bem dobradas, d'uma linda côr escarlate.—Pacote 300 réis.

CRAVOS DOBRADOS DOS FLORISTAS.—Em linda mistura de côres.—Pacote 150 réis.

CRAVOS REMONTANTES DOBRADOS DE NICE.—Variedade de 1.ª ordem. Esta especie produz, quasi exclusivamente, flôres da maior belleza e muito cheias; entre as quaes grande numero de amarellas. Muito notavel.—Pacote 500 réis.

CRAVOS REMONTANTES DOBRADOS ANÃOS, chamados—de haste de ferro.—Raça muito particular e notavel, produzindo lindas flôres no genero da variedade flamenga e dos floristas. Muito propria para a cultura em vasos.—Pacote 350 réis.

O CRAVO é uma das plantas que melhor se dá em vasos; tambem é uma d'aquellas que mais geralmente se veem cultivadas nas janellas, nas varandas, nos terraços, etc. Todos os amadores e collecionadores de cravos não os cultivam senão em vasos. Teem assim a vantagem de facilmente formar grupos de mais effeito e poder transportal-os para onde desejam, sem fazer soffrer a planta. Não quer isto dizer que ella não se dê igualmente muito bem em canteiros. Em exposição conveniente e em bom terreno de jardim, não argiloso, (porque n'este caso deve ser melhorado com area fina e estrume), floresce com abundancia durante mezes.

A SEMENTEIRA faz-se desde fevereiro até setembro. Semeam-se em caixotes, em terrinas, alguidares furados, vasos, etc., preparando-se a terra como é costume para sementes de flôres, isto é: terra bem peneirada, misturada com estrume curtido, tendo sempre o cuidado que ella esteja bem aplainada com uma canna ou paosinho.

BRANCO DE COGUMELO COMESTIVEL

OU *SEMENTE* PARA CULTURA DO COGUMELO COMESTIVEL

EM CAMAS

Acaba de chegar uma remessa de caixas com BRANCO DE COGUMELO ou semente de cogumelo da melhor qualidade, que se vende pelos seguintes preços:

Caixa 2$800 réis.

Meia caixa 1$500 réis.

SEMENTES DE FLORES

Ha n'esta casa sementes das mais lindas variedades de flores para serem semeadas na presente estação, proprias para vasos, canteiros, etc., conforme o extracto, com gravuras, do

CATALOGO GERAL DE FLORES

DA CASA FREDERICO DAUPIAS

Este livro, que se acha registado, dá a descripção de cada flor, indica as epocas de sementeira e contém desenvolvidas instrucções sobre a cultura das differentes variedades de flores e a sua applicação para canteiros, açafates, bordaduras, vasos, etc., esta á venda pelo preço de 150 reis, e pelo correio 160 réis.

—(*)—

SEMENTES DE HORTALIÇAS

Sementes das melhores variedades, adoptadas para a cultura horticola.

O Catalogo, com a descripção e as epocas da sementeira de cada uma d'ellas, entrega-se ou remette-se a quem o requisitar.

D'esta data em deante, já se semeiam todas as hortaliças.

RELVA (GAZON)

Ray Grass (relva)—As melhores variedades inglezas para jardins e prados.
Lawn Grass, mistura preparada para terrenos seccos e magros.

TOJO MOLLAR

Deve se semear agora este excellente pasto, que se dá em todos os terrenos. Semente nova a 600 réis o kilo.

PASTO PARA GADO

Beterraba vermelha gigante e amarella, dita branca, cenoura amarella comprida, dita vermelha comprida, chicoria de folhas largas para cavallos, ervilhaca, fava cavallina, feno, lupulina, produzindo bem em todos os terrenos seccos e de qualidade mediocre, luzerna, nabo grande inglez, samfeno de 2 cortes, sarraceno (excellente forragem), trevo, etc.

GRAINHA DE VINHA AMERICANA

As melhores variedades.

BACELLO AMERICANO

Um productor directo, não precisando ser enxertado. Variedade de 1.ª ordem. Indifferente ao mildew e outras molestias, dando-se bem em todos os terrenos e em todas as exposições.

SERRAS [illegible]

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.º 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

MUITA ATTENÇÃO

PARA um negocio urgente precisam-se de 3:600$000 réis a juros, com hypotheca n'esta cidade de uma propriedade que vale mais de 8 contos de réis.

N'esta redacção se diz.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.
59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charráa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e, que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

A SAHIR DO PRELO

A NOSSA INDEPENDENCIA E O IBERISMO

POR

ACCACIO ROSA

Este livro, que contem perto de 400 paginas, e prefaciado pelo notavel estadista e eminente pensador

Anionio de Serpa Pimentel

e contem cartas ineditas expressamente dirigidas ao auctor sobre a annexação de nacionalidades e sobre o iberismo por

Oliveira Martins, Alves Mendes, D. Raphael de Labra, D. G. Azcarate, D. Fernando Anton, Thomaz Ribeiro, conde de Casal Ribeiro etc.

Entre outras coisas, o sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel escreve o seguinte, no prefacio:

«Nas sciencias abstractas, na mathematica que só depende do puro raciocinio, tem-se visto espiritos de precoce desenvolvimento, resolver problemas difficeis na idade em que apenas em regra se começa a poder apprender. Nas sciencias sociaes em que a resolução dos problemas depende do conhecimento de um grande numero de factos, já não pode ser o mesmo. E' por isso que o livro que prefaciamos é notavel em vista da pouca idade do escriptor.»

O sr. Antonio de Serpa termina o seu prefacio erudicto e notavel sobre o livro-estreia de Accacio Rosa com o seguinte trecho:

«Damos logar aos novos que com tão esperançosas disposições entram na vida publica.»

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120 !
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

LICOR do Dr LAVILLE GOTTA RHEUMATISMOS

Especifico provado da **GOTTA** e dos **RHEUMATISMOS**, acalma as dôres as mais fortes. Acção prompta e certa em todos os periodos do accesso.

F. COMAR & Filho, 28, Rue Saint-Claude, PARIS.

VENDA POR MIUDO. — EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

bem depressa cuidarão em a substituir pela real e positiva, e que não sendo possivel obter de prompto tal substituição, o equilibrio se perturba, e as fortunas se transformam.»

Umas e outras opiniões não deixam de tornar-se suspeitas pelo que contém de absoluto e exclusivo.

O systema da circulação da riqueza, baseada exclusivamente no giro da moeda metalica, poderia talvez chegar a entorpecer o progresso e desenvolvimento dos interesses materiaes. Mas o systema que eliminasse das transacções a moeda metalica, e quizesse fundar toda a machina commercial sobre o frivolo valôr de papeis de credito, conduziria a uma prosperidade diafana, que desappareceria com a mesma facilidade com que a sêcca flôr do almeirão desapparecesse diante de um pequeno sôpro.

Parece-nos pois, que o melhor systema monetario é sem duvida o systema mixto.

A moeda metalica é preferivel pela solidez de seus valores, e os papeis de credito são convenientes pela facilidade da circulação.

Combinados os dous, e empregando-se reciprocamente poderiam conciliar-se suas respectivas vantagens, e evitar-se assim graves inconvenientes.

Diz um distincto economista — «que para poder empregar-se o credito na circulação da riqueza, e tornar-se augmento de producção, sem que a sociedade se veja exposta ás terriveis crises e violentas convulsões que a atacam, seria conveniente adoptar as seguintes maximas.»

1.ª «Que o credito não seja de fórma alguma o instrumento unico das transacções, nem ainda o principal, mas que suas funcções se limitem sempre ás de um agente subsidiario ou supplementar.»

2.ª «Que o credito se não derrame até ás classes baixas da sociedade, nem ainda chegue a *roçar-se* pelas fortunas médias, para não desalojar a moeda metalica da circulação, porque do contrario o papel se estende, e alcança até aos artistas, que vivem do trabalho diario, e que por isso mesmo, se o credito soffre algum revez serão de repente privados do pão, com

os motivos que tinham concorrido para aquella subida, não fossem uma pura especulação d'agiotagem.

As acções da companhia *Confiança*, a que por excellencia se podia chamar a regeneradora do credito, desceram rapidamente de 22 a 8 por cento.

As das *Obras Publicas*, que bem se podem chamar filhas legitimas d'aquella, gosando do credito de sua mãe, chegaram a adquirir no mercado o valor de 10 por cento, tendo depois o de meio por cento.

As acções do *Banco*, estabelecimento, que tem sido o centro do credito commercial, desceram de réis 850$000 a 750$000.

Abstenho-me de emittir aqui a minha opinião sobre as causas que tem motivado as differenças dos valores das acções de umas e outras companhias; mesmo porque supponho facil o descobril-as.

Abusou se do credito, fecharam-se as portas á economia: os desperdicios continuaram, e longe de tomar-se uma providencia, empregaram se todos os meios para que o abuso do credito fosse por diante.

A França, no meio das desordens da regencia do Duque d'Orleans, vergando com o peso de uma divida publica immensa, e um *deficit* annual, que diariamente augmentava, estando já proximo o governo a declarar a bancarrota, adoptou cegamente os conselhos de *Law*, a quem entregou o precioso deposito da fortuna do estado.

Maravilhado o estrangeiro *Law* dos prodigios que obravam os bancos *d'Escossia*, sua patria, julgou que na mobilisação do numerario, por meio do credito, havia encontrado o segredo da prosperidade publica; e preoccupado d'esta idéa propôz-se substituir os valores reaes do ouro e da prata pelo valor ficticio do papel moeda.

Pagou dividendos; comprometteu capitaes; e seduziu o governo por tal fórma, que o banco de *Law e Companhia* chegou a ser declarado—*banco real.*—

Sem analysar agora as suas operações, porque seria obra larga, e alheia d'este escripto, basta conhecer que o de-

rem, confessaram, que effectivamente haviam recorrido a tal meio, pelo menos na praça de Londres.

Tudo annunciava uma d'essas catastrophes medonhas, que tem arruinado tantas fortunas, e os prestamistas, considerando-se perdidos, como marinheiros proximos a naufragar, já procuravam salvar-se, fosse como fosse.

Mas, se á maneira de encanto vimos, que uma sociedade já gasta e quasi cadaver, recebeu nova vida e regeneração completa; seria grande falta não consignar aqui a verdadeira causa d'este phenomeno.

A acção do tempo, desvanecendo sinistras suspeitas, convidava os metaes, que ainda havia, a entrarem no mercado; e a justiça pede se diga, que os ultimos mezes de 1844 pareciam annunciar a regeneração das nossas finanças: porém os metaes preciosos, que vieram vivificar esta sociedade simimorta, não estavam em harmonia aom os papeis circulantes, e assim, longe de abusar-se, tudo aconselhava prudencia e parcimonia. Com tudo, aconteceu o contrario, e acabando desde logo uma illusão que convinha tornar-se realidade, fugiram todas as esperanças; porque, não havendo base solida sobre que apoiar transacções de tanta magnitude, passou a febre que tinha animado o cadaver, e este ficou esqueleto.

Se por ventura—se tivesse aproveitado a sezão de 1844, e se aos emprestimos de 30 por cento se substituissem os de 5 e 6, ou ainda melhor; se a despeza se limitasse unicamente á receita effectiva, é fóra de duvida, que as finanças seriam regeneradas, e esse credito de que tanto se tinha abusado, daria sem duvida um grande triumpho aos seus panigiristas; mas como a força das cousas póde sempre mais que as estrategias humanas, ainda d'esta vez a regra não falhou, e d'aqui vem os prejuizos que já sentem os que foram credulos em demazia.

Os fundos da divida interna consolidada, que no principio de 1845, eustavam a encontrar no mercado a 75, baixaram por fórma tal, que em abril ultimo pouco mais valiam do que 60, o que de certo não aconteceria, se por ventura—

que tinham de alimentar-se, e ás suas familas, e em tal caso o abatimento do credito, já não seria questão de bancarrota, mas de vida ou de morte para a maior parte do paiz.»

3.ª «Que o credito se apoie, quanto fôr possivel, em valores solidos, que sirvam como de garantia ou hypotheca aos ficticios, que representa o papel circulante: demais, que os valores reaes e positivos possam facil e promptamente realisar-se, por isso que a vantagem do credito consiste na segurança, que tem os possuidores dos papeis de convertel-os em especies monetarias, quando lhes convenha.»

Os mais estrenuos defensores do credito, ainda até hoje senão lembraram de aconselhar o seu uso *para satisfazer as necessidades ordinarias;* pelo contrario todos aconselham a conveniencia de se economisar para servir de vantagem em um momento arriscado.

Já se vê, que no numero dos partidistas do credito, a que alludimos, não podemos por fórma alguma comprehender os especuladores, que apenas curam do dia presente; pois que esses, embora as tempestades politicas os arrojassem aos mais eminentes logares, nem por isso deixariam de ser o que d'antes eram. Podem ser tudo, menos estadistas ou financeiros.

A nossa opinião está de sobejo pronunciada; porém ainda assim, não teriamos difficuldade em desculpar aquellos, que, precisando do auxilio do credito para viver, e tendo a fortuna de o conseguir, se aproveitassem com vantagem da credulidade, senão cubiça dos ambiciosos, convertendo os proveitos do credito em obras de utilidade e de que no futuro se tirassem resultados reaes e positivos.

Mas por desgraça, tendo de tractar do modo como entre nós se tem usado do credito, é força confessar, que o influxo das tempestades politicas obriga a occuparmo-nos dos empiricos, como se fossem economistas.

O credito divide-se:

1.º Em publico ou nacional.

2.º Em individual ou particular.

A natureza de um e outro são identicas, só com a differença, que, quando um particular não satisfaz ás condições